L·E·T·R·A·S

CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL SUPLEMENTO CULTURAL Ano II - nº 08 Brasília, 30 de novembro de 1993

A religião na obra do agnóstico Machado de Assis

A revolução de Bernardo Guimarães na pequena Catalão de Goiás

A poesia do cerrado

Vocação literária

Este número do "DF Letras", o oitavo, sai consangrando em definitivo a vocação pela qual foi criado: a literária. É a linha que deve ser seguida por um veículo que nasceu, em nome da sensibilidade, para alardear a cultura. Dentro deste sentimento, a cada edição, o nosso suplemento busca ampliar sua órbita de ação no sentido de valorizar os poetas, escritores e estudiosos da arte em geral.

Seguindo, portanto, sua vocação literária o "DF Letras" publica uma capa em homenagem ao poeta do traço J. Borges, um artista popular que retrata o folclore, o sortilégo do cotidiano nordestino. A alma, enfim, do brasileiro.

Borges é desses artistas que a gente encontra sem querer lá pelas caatingas de Caicó, onde até o vento é quente, ou entre as barracas lúdicas e encantadas da feira de Caruaru. Através de um traço original, rígido e por vezes grotesto, tal qual a seca do sertão, Borges universaliza o interior. O matuto, pela sua capacidade criativa, assume ares de cosmopolita sempre com as raízes fincadas na terra. A terra, que afinal de contas, é o seu próprio mundo.

Além de Borges, de suas gravuras do cotidiano, o "DF Letras" publica ensaios, teses e estudos históricos. O velho e agnóstico Machado de Assis merece uma reflexão sobre a religiosidade subjetiva de suas obras; o irrequieto Bernardo Guimarães, outro grande escritor brasileiro, tem sua vida vasculhada em sua rápida e conturbada passagem por Catalão, em Goiás. E assim por diante...

O nosso suplento, em suma, amplia suas letras para além do DF no sentido de literariamente consagrar sua vocação.

Rose Mary Miranda
Vice-presidente

Brasília, capital da corrupção?

☐ **Jason Tércio**

Os recentes megaescândalos financeiros, a partir do caso PC, estão criando no imaginário popular mais um estereótipo nacional: Brasília é uma cidade corrupta, a cloaca do País. Essa onda de denúncias começou, de fato, em 1980, quando estourou o escândalo dos empréstimos irregulares do antigo BNDE à Tecelagem Lutfalla, ligada ao então governador paulista Paulo Maluf.

Sempre houve uma ponte entre Brasília e o resto do País nos casos de corrupção, porque, obviamente, as decisões políticas e administrativas são tomadas na Capital Federal. A operacionalização é feita no DF, mas a trama e a tramóia são gestadas por grupos empresariais e políticos das mais diversas regiões, inclusive do remoto interior, como neste caso do roubo do Orçamento da União.

Quando a capital era no Rio, lá se agitava o mar de lama, expressão de Carlos Lacerda em 1953 para as irregularidades do Banco do Brasil nos financiamentos concedidos ao jornal governista **Última Hora**. Policiais recebiam propinas de rufiões para não reprimir a prostituição. A Câmara de Vereadores era chamada Gaiola de Ouro e já existiam trens da alegria. O chefe da segurança do presidente da República recebia comissões para intermediar empréstimos oficiais por baixo do pano e facilitar negócios de empresas, quando não tentava matar Lacerda por causa das denúncias. Nem só de bossa-nova viveu o Rio dos anos 50.

Já em 1959 foi criada uma CPI para investigar a aplicação de verbas do Orçamento da União como subvenções a entidades inexistentes. Mais de 100 CPIs foram criadas desde 1947 para investigar denúncias de corrupção no Brasil. Todos os anos, desde então, houve CPIs com esse objetivo, exceto entre 1969 e 1979, quando a ditadura emudeceu a imprensa e a oposição, embora as falcatruas continuassem existindo nos bastidores do regime militar, sem que houvesse apuração.

De lá para cá, o País tornou-se mais complexo, mais contraditório, com mais problemas e mais corrupção. Brasília condensa esses problemas, catalisa as paixões políticas. Se antes de 1960 era no Rio que os udenistas disparavam denúncias contra os governos de Getúlio, Juscelino e Jango, hoje é no Planalto Central que se centraliza essa tensão.

Não se trata de defender Brasília, marcada desde sua fundação como um lugar de aventureiros, burocratas privilegiados e políticos sem vínculo orgânico com a cidade. Trata-se de ver a corrupção como um fenômeno nacional impregnado nas instituições e no cotidiano da sociedade.

O Rio atual é conhecido menos por sua beleza do que pela violência, e isso é outro estereótipo, porque a violência, assim como a corrupção, também está impregnada na vida de todo o País. São os dois principais e mais nefastos subprodutos de uma estratégia de desenvolvimento elitista e que está na raiz desses males.

(*) Jornalista e escritor, carioca, está em Brasília há quatro anos

Nesta Edição

☐ **CAPA:**
Rui Faquini/J. Borges

2 - Opinião
3 - Meio-ambiente
G. Souto Mayor
4 - Missão Cruls
Alberto Martins
5 - Arqueologia do Cerrado
A.S. Barros
6 - Arqueologia do Cerrado
A.S. Barros
7 - Mãe Agricultura
Bernardo Élis
8 - Mãe Agricultura
Bernardo Élis
9 - Mãe Agricultura
Bernardo Élis
10 –Câmara em Ação
11 - Câmara em Ação
12 - Conto
Luciana Saldanha
13 - Ensaio
Jason Tércio
14 - Ensaio
Jason Tércio
15 - Literatura
Luís Pallacin
16 - Literatura
Luís Rallacin
17 - Música
Renato Vivacqua
18 - Poetas
19 - Cartas
20 - Poemas

Suplemento Cultural do Diário da Câmara Legislativa do Distrito Federal.
Editado sob a responsabilidade da Coordenadoria de Editoração da Vice-Presidência com a colaboração da Coordenação de Comunicação Social da Presidência.
Vice-presidente: Rose Mary Miranda
Chefe de Gabinete: Sebastião Cunha

Assessores especiais: Chico Nóbrega e Ivan Carvalho.
Coordenador de Editoração e Produção Gráfica: Nelson Pantoja
Programação Visual: Marcos Lisboa e Claudio de Deus.
Fotografia: João Wesley, Jane Neves e Fábio Rivas
Editoração: Jane Neves, Luís Augusto Gomes, Marcelo Perrone, Dino Souza, Sebastião Peres, Sérgio Cáceres e Oscar Montes Monterrojas.
Colaboraram neste edição: Paulo Bertran, Bernardo Elis, Jason Tércio, Gustavo Souto May or Renato Vivacqua e Luís Pallacin
Coordenadoria de Comunicação Social: Arthur Gondim
Chefe da Seção de Divulgação: Cláudio Lysias
Chefe da Seção de Relações Públicas: Luiz Recena.

Chefe de Relações com a Imprensa: Adriana Jobim

Redação: Donalva Caixeta, Zínia Araripe, Cristina Timponi, João Alberto e João Paganini.

DF-Letras tem assinatura gratuita. Os pedidos devem ser enviados para o endereço abaixo constando o nome do assinante, profissão, endereço completo e telefone para contato.
DF-Letras/Diário da Câmara Legislativa do Distrito Federal.
Redação: SAIN-Parque Rural Norte
70.086900 Brasília-DF
Telefone: (061) 347-5128

Composição da Câmara Legislativa do Distrito Federal

Mesa diretora (biênio 93/94)
Benício Tavares
Presidente
Rose Mary Miranda
Vice-presidente
Lúcia Carvalho
1º Secretário
Peniel Pacheco
2º Secretário
Cláudio Monteiro
3º Secretário
Agnelo Queiroz
Aroldo Satake
Benício Tavares
Carlos Alberto
Cláudio Monteiro
Edimar Pireneus
Eurípedes Camargo
Fernando Naves
Geraldo Magela
Gilson Araújo
Jorge Cauhy
José Edmar
Lúcia Carvalho
Odilon Aires
Manoel Andrade
Maria de Lourdes Abadia
Maurílio Silva
Padre Jonas
Pedro Celso
Peniel Pacheco
Rose Mary Miranda
Salviano Guimarães
Tadeu Roriz
Wasny de Roure

Música popular

☐ Renato Vivacqua

O ocaso do campeão

A memória cultural brasileira é imediatista e sôfrega. O gênio de hoje é o careta de amanhã e o ultrapassado de depois de amanhã. A MPB não foge à regra. Enquanto isso, nos outros países os velhos ídolos, vivos ou mortos, são cultuados sem que os admiradores sejam rotulados de retrógrados. A vôo de pássaro podemos desfilar: Nat King Cole, Glen Miller, Bing Crosby, Tommy Dorsey, Sinatra, Tony Benett, nos Estados Unidos, cujos discos vendem aos borbotões. Aznavour, Montand e Piaf na França. Amália Rodrigues, Pedro Vargas, Agustin Lara, Gardel, a lista é infinda. E aqui, quem ouve falar em Francisco Alves, Orlando Silva, Carlos Galhardo, Silvio Caldas? Linda Batista, Blecaute, Albertinho Fortuna, Aracy Cortesm morreram na penúria. Gilberto Alves, Pedro Caetano e Joel de Almeida se foram há pouco sem nenhuma repercussão. O cantor Jessé, de expressão mediana, ocupou enorme espaço na mídia quando de seu recente falecimento.

O intróito se faz necessário para que eu possa falar no protagonista deste artigo. A última vez que o vi foi quando, a seu chamado, fui vê-lo no hospital, vítima de um derrame. Agora soube que morrera faz algum tempo. Silêncio absoluto nos meios de comunicação. Eu, historiador da MPB, que tenho meu obituário, não fiz nenhuma anotação. O personagem formou com Haroldo Lobo uma das maiores duplas de compositores de nosso cancioneiro. Seu nome: Milton de Oliveira. Poucos leitores ligarão o nome à pessoa. Entrevistei-o há alguns anos. Um homem amargurado, polêmico, de muitos inimigos, contestado em seu talento apesar de dezenas de sucessos. Acusado de desleal em suas táticas de chegar ao êxito. Para ele pode-se usar um lugar comum com muito propósito: a glória teve um travo bastante amargo. Ferido, quebrou o silêncio e contou como é caro o preço da consagração. "Os críticos mentem muito. Esta turma nova que está aí, ninguém sabe nada. Comandei o carnaval por mais de vinte anos. Nunca apareci num programa de carnaval da Globo. Apresentam verdadeiros farsantes. Falsos sucessos que ninguém conhece. O maior repertório junino é meu e do Haroldo e só falam em Lamartine Babo. Sou acusado de riscar as faces dos discos onde não estava música minha. Isso foi inventado. Eu tinha um programa de rádio, não precisava passar prego. Era só não tocar".

Carioca das Laranjeiras. Ano 1916. Escudeiro deslumbrado de Noel Rosa, carregando o violão e muitas vezes o poeta, em cruzadas pelas noites do Rio.

"Eu levei quase dois anos mostrando o "Não Tenho Lágrimas" a todo mundo e ninguém queria. Aí caí nas graças de Mr. Evans, o chefão da RCA Victor. O homem se encantou comigo. Então toda vez que um cantor chegava e queria música para gravar ele mandava falar comigo. Eu gravei o que quis. Gravei muita porcaria e muita coisa boa. Comecei a criar inimigos. Ciro Monteiro tentou me apelidar de "Judeu do Samba" mas não pegou. Mr. Evans só dava atenção a mim. Por causa dessa época tenho inimigo até hoje. Pintei e bordei. Uma palavra minha resolvia tudo. Ele lançou até um LP com músicas nossas nos Estados Unidos a pedido meu. O sucesso de "Não Tenho Lágrimas" lá partiu desse disco". Eis um rol de seus maiores sucessos:

Quero chorar não tenho lágrimas/ Que me rolem nas faces/ Pra me socorrer (com Max Bulhões). Você não é mais meu amor/ Porque vive a chorar/ Pra seu governo/ Já tenho outra em seu lugar. (com Haroldo Lobo).

Fala Mangueira, fala/ Mostra a força da sua tradição/ Com licença da Portela, Favela/ Mangueira mora no meu coração (com Lobo).

Chegou/ A turma do funil/ Todo mundo bebe/ Mas ninguém dorme no ponto/ Ai, ai ninguém dorme no ponto/ Nós é que bebemos/ E eles que ficam tontos (com Mirabeau e U. de Castro).

Tem galinha no bonde/ Tem, tem que eu vi/ Galinha no bonde/ É abacaxi (com Haroldo Lobo).

Você roubou meu sossego/ Você roubou minha paz/ Com você eu vivo a sofrer/ Sem você vou sofrer muito mais (com Mirabeau).

Todo mundo diz que sofre/ Sofre, sofre neste mundo/ Mas a mulher do leiteiro sofre mais/ Ela passa, lava, coze/ Controla a freguesia/... E ainda lava garrafa vazia (com Haroldo Lobo).

Eva me leva/ Pro Paraíso agora/ Se estou com muita roupa/ Eu jogo a roupa fora (com Haroldo Lobo).

A história da maçã/ É pura fantasia/ Maçã igual àquela/ O "papai" também comia. (com Haroldo Lobo).

Domingo é dia/ De pescaria/ Lá vou eu de caniço e samburá"/ Maré tá cheia/ Fico na areia/ Porque na areia dá mais peixe que no mar (com Haroldo Lobo).

Lá vem a Rita toda bonita/ de braço dado com seu namorado/ Fala baixo, fala baixo/ Que aquele é o delegado (com Haroldo Lobo).

Se tá na rua/ Arengando a noite inteira/ Tá na cara/ É pistoleira (com H. Lobo).

Cuco, cuco, cuco!/ O passarinho do relógio está maluco/ Ainda não é hora do batente/ Ele fica impertinente/ Acordando toda gente (com Haroldo Lobo).

Por um carinho seu/ Minha cabrocha/ Eu vou até o Irajá/ Que me importa que a mula manque/ Eu quero é rosetar (com H. Lobo).

E, ê, ê, ê/ Índio quer apito/ Se não der/ Pau vai comer (com Haroldo Lobo).

Vem cá, vem cá seu guarda/ Bota pra fora esse moço/ Tá no salão brincando/ Com pó de mico no bolso (com Haroldo Lobo).

Depois do painel consagrador que mostrei acima fica com o leitor o julgamento. Os detratores de Milton de Oliveira transferem o mérito de suas conquistas aos parceiros, argumentando que ele nunca teria composto uma nota ou escrito um verso, reconhecendo-o, porém, como exímio manipulador de bastidores, capaz de transformar tudo que promovia em sucesso. Eu, particularmente, acho que os acusadores, em vez de depreciá-lo, estão tornando-o lendário como dono de uma varinha de condão ou bola de cristal, capazes de justificar seu faro infalível. Um resgate de sua obra seria muito salutar para nossa combalida MPB.

Fazendo Miséria, do caricaturista Mendez, grande artista do traço

Os técnicos militares da Missão Cruls

□ Gen. Alberto Martins da Silva

Vista panorâmica do Rio Descoberto visitada pelos militares da missão Cruls

A Comissão Exploratória do Planalto Central do Brasil, denominada Missão Cruls, reuniu homens de reconhecida capacidade técnica para realização dos estudos específicos à escolha da área para construção da nova capital da República. Engenheiros, geólogos, médicos, astrônomos, botânicos e farmacêuticos formavam os elementos de pesquisa apoiados pelo pessoal de transporte e segurança. A Comissão, como um todo, era bastante numerosa (vinte e duas pessoas na área dos estudos específicos e mais um contingente militar) e muito pesado o material a ser conduzido através do campo. Todos atuavam segundo um plano predeterminado e visando o mesmo objetivo. O grupo foi dividido em turmas direcionadas para a marcação dos vértices do grande quadrilátero onde seria escolhido o local para a futura capital. Apesar do trabalho árduo, todos se empenharam com entusiasmo e determinação pela missão.

O exército brasileiro deu sua contribuição a tão importante trabalho através de seus oficiais e de um contingente militar. Todos colaboraram na incursão histórica que hoje, passados cem anos, estamos a comemorar, com reverência e orgulho, fortalecidos pela presença real, viva, atuante, significativa e representativa da cidade-símbolo que é Brasília.

O mais jovem integrante da Comissão era o Tenente AUGUSTO TASSO FRAGOSO, nascido no Maranhão em 1869. Ingressou na Escola Militar aos 16 anos, onde realizou um brilhante curso. Após concluída a Escola Superior de Guerra, foi designado para servir no Observatório Astronômico do Rio de Janeiro, localizado no Morro do Castelo, onde permaneceu de fevereiro de 1891 até maio de 1892, quando passou à disposição do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, integrando o grupo de especialistas da Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil. Dirigia o Observatório Astronômico, desde 1884, seu ex-professor, o engenheiro belga Dr Luiz Cruls. Foi o chefe da Turma que demarcou, a 12 de novembro de 1892, o vértice Norte-Oeste do "Quadrilátero Cruls". Após concluídos os trabalhos — fevereiro de 1893 — retorna ao Rio de Janeiro, onde prepara o seu relatório final. Tasso Fragoso Voltaria a encontrar-se com seu amigo Luiz Cruls quando da "Comissão de Limites com a Bolívia (dez 1900 a agosto 1901) que ambos integraram. Ao longo de sua vida militar participou de fatos relevantes da nossa história. Foi um dos signatários do famoso "compromisso de sangue", dos alunos da Escola Superior de Guerra, ao Dr. Benjamim Constant, em 11 de novembro de 1889. Comandando uma bateria do Batalhão Acadêmico, participou ativamente da Revolta da Armada, quando foi ferido gravemente. Para a Constituinte de 1890, sendo eleito deputado federal, pelo Maranhão, por indicação do marechal Floriano Peixoto, não aceitou o cargo, renunciando a 4 de novembro. Atuou na prefeitura do Distrito Federal, como intendente de obras, também a convite do marechal. Foi adido militar na Argentina, assessor do Governo Wenceslau Braz, na Casa Militar. Promovido ao generalato em 1918, desempenhou as funções de Chefe do Estado Maior do Exército e, em 1933, Ministro do Superior Tribunal Militar. Fez parte da Junta Governativa do Governo Provisório de 1930. Escritor e historiador militar deixou entre seus trabalhos a magnífica obra "História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai". Faleceu em setembro de 1945.

ANTONIO CAVALCANTE DE ALBUQUERQUE, nascido nas Alagoas em 1863, era oficial de engenharia. Ingressou no exército em 1883, tendo sido aluno do Dr. Cruls na Escola Superior de Guerra. Tinha o posto de tenente quando, em maio de 1892, passou a integrar a Comissão. Assumiu a chefia da turma Norte-Leste logo após a saída do astrônomo Julião de Oliveira Lacaille, que pediu exoneração. O seu objetivo foi alcançado a 25 de janeiro de 1892. A sua permanência na Missão Cruls perdurou até fevereiro de 1893, quando retornou ao Rio de Janeiro. Participou da Revolta da Armada como integrante do Batalhão Acadêmico. Ainda no governo de Floriano Peixoto, fez parte do segundo grupo que compôs a "Comissão de Estudos da Nova Capital da União", novamente sob a chefia do engenheiro Luiz Cruls.

Também do Maranhão, nascido em 1865, era o Tenente HASTIMPHILO FREIRE DE MOURA. Assentou praça na Escola Militar da Praia Vermelha, no Rio de Janeiro, em 1885, na mesma turma de Tasso Fragoso; como ele, foi um dos signatários do "Compromisso de Sangue" ao Benjamim Constant, em 1889, às vésperas da Proclamação da República. Passou à disposição do Ministério da Agricultura em maio de 1892, integrando a Comissão. Fez parte da turma Sul-Oeste, que era chefiada pelo próprio Dr. Cruls, seu ex-mestre. Em início de 1893 retorna à capital federal. Hastimphilo Freire alcançou o generalato e exerceu importantes funções no Exército.

O Dr. ALFREDO JOSÉ ABRANTES era Capitão Farmacêutico do Serviço de Saúde do Exército quando, em maio de 1892, passou a integrar a Turma Norte-Oeste, chefiada pelo engenheiro Tasso Fragoso, de quem era amigo particular. Nasceu na Paraíba e terminou seu curso na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Desempenhou um papel de importância no setor de pesquisas técnicas e nas observações astronômicas. Dr Abrantes era um estudioso do assunto, o que comprova a sua indicação para compor a comissão que foi investigar o eclipse solar observável no Ceará, em 16 de abril de 1893. Deixou a Comissão em maio e foi posto à disposição do ministério do Interior, Viação e Obras Públicas, em março de 1894, prestando seus serviços na elaboração dos relatórios, até o final de 1895.

O Capitão Médico PEDRO DE ALCÂNTARA DE SOUSA GOUVEIA é paraibano formado pela Faculdade de Medicina da Bahia. Estava servindo em Minas Gerais quando foi designado, em maio de 1892, para integrar a Comissão. Durante todo o seu trabalho acompanhou a Turma Norte-Leste, coordenada pelo engenheiro militar Antonio Cavalcante de Albuquerque. Prestou seu apoio técnico aos membros da Comissão e às populações dos lugarejos percorridos. A presença do médico militar do Exército em comissões de demarcações de limites e exploratórias foi uma constante em nossa história; são inúmeros os que participaram dessas jornadas. O Dr. Pedro Gouveia deixou o grupo em 10 de abril de 1893, nomeado que fora para a Bahia em uma outra missão do ministério do Exército. Era o mais velho membro do grupo explorador; nascera em 1855, tinha 37 anos.

CELESTINO ALVES BASTOS era natural de Mato Grosso, nascido em 1856. Ingressou na Escola Militar em 1872. Aos vinte anos, no posto de capitão, passa a compor o grupo da Comissão e integra a Turma Norte-Oeste, inicialmente como chefe, até sua incursão exploradora sobre a chapada dos Veadeiros; foi substituído por Tasso Fragoso. Deixou a Comissão em abril de 1893, já promovido ao posto de major. Participou da segunda viagem ao centro-oeste quando da organização da Comissão de Estudos da Nova Capital, chefiando uma das turmas. Galgou todos os postos da hierarquia militar. Foi chefe do Estado-Maior do Exército.

PEDRO CAROLINO PINTO DE ALMEIDA era natural do Rio de Janeiro, nascido em 1856. Era da Arma de Infantaria. Sentou praça em 1875, e, à época que participou da Comissão, tinha o posto de capitão. Servia no 10º Batalhão de Infantaria quando recebeu a designação para comandar o contingente que iria apoiar a viagem do grupo. Durante a incursão permaneceu com a Turma Sul-Oeste, chefiada pelo Dr. Cruls. O tenente Pedro Coralino foi protagonista de um famoso caso com o ministro da Fazenda e chefe do governo, Visconde de Ouro Preto, que, ao entrar no ministério, não o encontrando no comando da guarda para recebê-lo, determinou a sua prisão, sem aceitar as desculpas apresentadas — estava no gabinete privado, ocupado. Isto causou reação dos militares, e até de Benjamim Constant, que exigiu um pronunciamento do Clube Militar, numa época das crises militares que antecederam à proclamação da República. Em 1897, a 5 de agosto, o então capitão Pedro Carolino seguiu para o interior baiano onde passa a integrar a 1ª Brigada, quando da Campanha de Canudos, chegando a Comandar o 26º Batalhão de Infantaria.

HENRIQUE SILVA era o Alferes do Contingente Militar, ajudante do Capitão Carolino. Era natural de Goiás, nascido em 1865. Iniciou sua carreira militar em 1882, como cadete do Esquadrão de Cavalaria de Goiás, matriculando-se, no ano seguinte, na Escola Militar da Praia Vermelha. Homem dedicado ao estudo das possibilidades goianas, empreendeu viagens de estudos pelo sul do Brasil e Mato Grosso e, em 1889, tomou parte na Comissão de Observações das Fronteiras da Bolívia, sob o Comando de Deodoro da Fonseca. Integrou ainda, em 1895, a Comissão que realizou o traçado da Estrada de Ferro Catalão-Cuiabá. Prestou valiosa cooperação ao Dr. Cruls, pelos conhecimentos que possuía da área visitada, emprestando seu entusiasmo pela causa mudancista. Foi colaborador de vários jornais em Goiás e Rio de Janeiro, sendo fundador da revista "Informação Goyana" (1917-1935).

Infelizmente não conseguimos dados biográficos dos militares ALIPIO GAMA, que integrou a Turma Sul-Leste, sob a chefia do astrônomo Henrique Morize, e do Alferes JOAQUIM RODRIGUES DE SIQUEIRA JARDIM, que integrou a Turma Norte-Leste.

General Alberto Martins da Silva
Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
Instituto de Geografia e História Militar do Brasil
Academia Brasileira de Medicina Militar

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

— CRULS, Luis. Relatório da Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil. Edição Especial. Codeplan. Brasília. 1992.
— MINISTÉRIO DO EXÉRCITO. Documentos do Arquivo Histórico do Exército. Rio de Janeiro.
— MINISTÉRIO DO EXÉRCITO. Documentos do Arquivo da Diretoria de Saúde do Exército. Brasília,DF.
— VASCONCELOS, Adirson. A mudança da Capital. Gráfica e Editora Independência Limitada. Brasília, DF. 1978.
— "INFORMAÇÃO GOYANA" — Vol.XIX — Nº 10 — Maio 1935 — Rio de Janeiro

□ **General Alberto Martins da Silva é do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Instituto de Geografia e História Militar do Brasil e membro da Academia Brasileira de Medicina Militar**

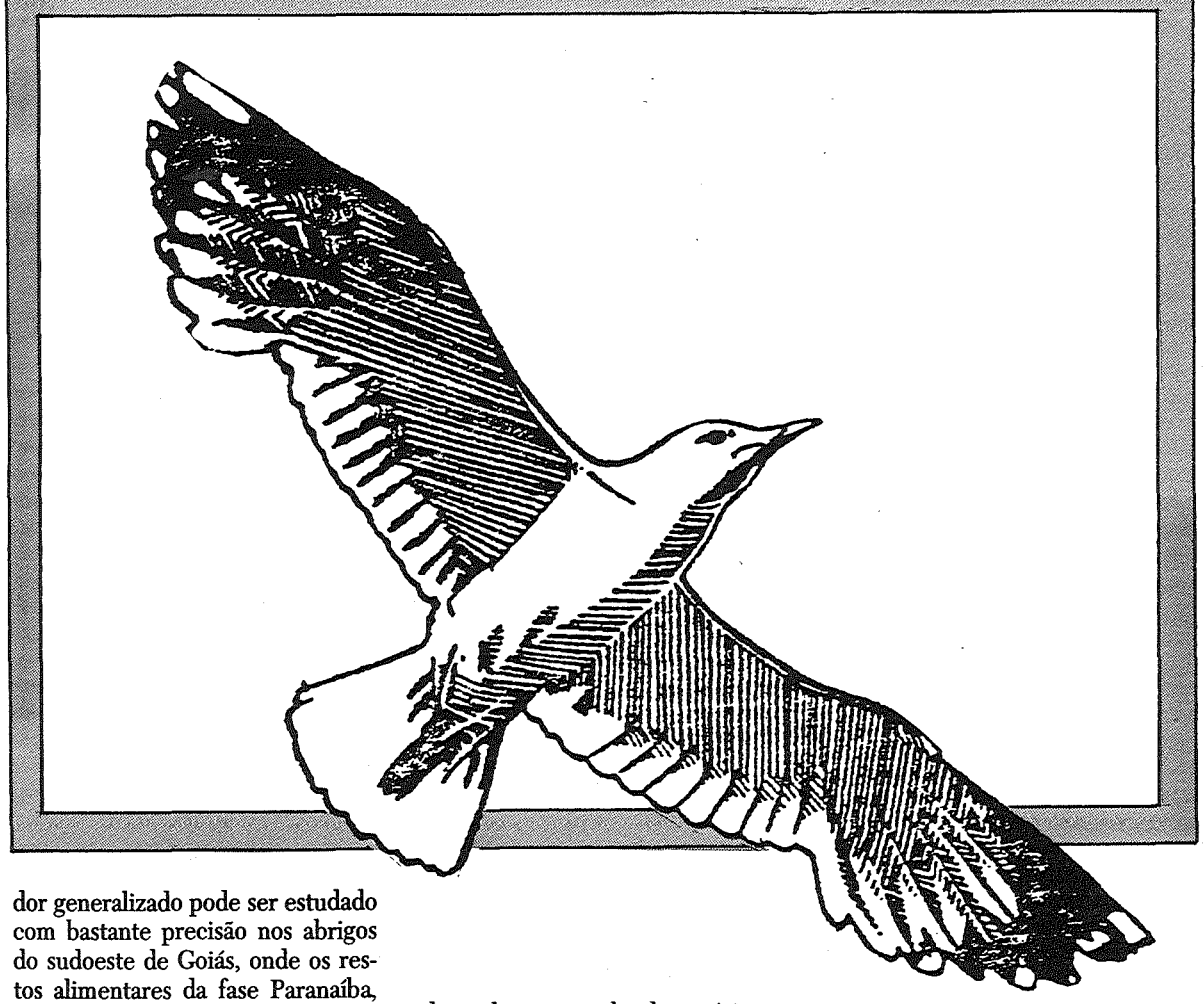
Arqueologia do Cerrado

Uma compreensão ecológica e cultural do povoamento inicial do planalto

□ Altair Sales Barbosa

Atualmente uma série de afirmações a respeito de datações antigas, conseguidas para duas localidades brasileiras, Central na Bahia e São Raimundo Nonato no Piauí, tem, de certa forma, obrigado os arqueólogos brasileiros e sul-americanos em geral, a uma revisão dos quadros referenciais, bem como a uma maior reflexão, acerca de suas próprias pesquisas. Das nossas reflexões, tanto sobre nossas pesquisas como de toda a arqueologia do continente, constatamos que, apesar de insistência de seus autores (Guidón 1984, 1986, Beltrão et al. 1988), essas datas não podem ser tomadas em definitivo e o contexto em que foram conseguidas não justifica sua aceitação. Portanto, em termos mais ou menos seguros, não se pode falar em ocupação pleistocênica do interior do continente. Somente a partir do holoceno é que esta ocupação torna-se mais evidente. Neste contexto, desempenha papel fundamental o advento da Tradição Itaparica.

Neste pequeno trabalho, procuraremos destacar alguns elementos ecológicos e culturais associados a essa Tradição. Acreditamos que a compreensão desses elementos constitui fator importante para compreensão do povoamento das áreas interioranas da América do Sul.



O início do holoceno traz o recuo da glaciação com todas as suas consequências: os ventos frios regridem com a diminuição das calotas glaciais e andinas, a corrente fria de Falkland se retrai, a corrente quente do Brasil se esparrama pelo litoral nordestino; com o derretimento do gelo o nível do mar sobe, a temperatura e a umidade aumentam e se produz a tropicalização do ambiente. Aparentemente isto não acontece de forma unilinear, mas com oscilações, que no todo, representam um crescimento do calor, da umidade e do nível do mar, até alcançar o máximo no altitermal ou ótimo climático europeu, entre aproximadamente 6.500 a 4.000 A.P. Naturalmente as condições gerais são matizadas localmente por fatores diversos, onde o relevo parece ter papel saliente (Schmitz et al. 1981).

Entre aproximadamente 11.000 e 8.500 A.P., uma indústria de lâminas unifaciais, em que predominam furadores e raspadores terminais encabados, parecem formar um grande horizonte, cobrindo área que inclui Pernambuco, Piauí, Bahia, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso, talvez parte de São Paulo. Uma grande parte desses sítios pode ser incluída na chamada Tradição Itaparica. Um pouco mais tarde, talvez entre 9.000 e 8.000 A.P. aparecem isoladas pontas de projéteis pedunculadas no mesmo contexto da Tradição Itaparica ou em outros, em Cerca Grande MG (Hart e Blasi 1969), em Serranópolis GO, datadas entre 8.700 e 8.400 A.P. (Selmitz et.al. 1981), em São Raimundo Nonato PI, datadas em 8.400 A.P. (Guidón, II Reunião Científica SAB), talvez em Alice Boer SP.

A economia é a de um caçador e coletor generalizado que exploram nichos diversificados onde num extremo está o cerrado, a caatinga, ou o campo, no outro extremo a mata e, no meio, várias firmas vegetais transicionais; como o agreste ou o cerradão.

Os assentamentos, dessa população se dão em grutas ou abrigos calcários, areníticos ou quartzíticos, nos estados de Minas Gerais, Goiás, Pernambuco e Piauí, no alto das colinas em Goiás, Bahia e Pernambuco, à beira de rios ou em colinas em São Paulo. Alguns sítios apresentam bastante permanência, como no sudoeste e centro de Goiás porque os recursos eram abundantes, ao passo que a maior parte é de acampamentos temporários. Como nos locais geralmente estão reunidos recursos minerais, vegetais e animais, em nichos diversificados, é possível que a maior parte dos acampamentos seja de atividades múltiplas. Com uma certa freqüência aparecem sítios de apropriação e preparação de minerais, mas ainda não se tem notícia de sítios de matança. Também não existem sambaquis, ou se existiam, o mar, que estaria alguns metros abaixo do nível atual, os varreu na sua subida.

O regime alimentar desse caçador generalizado pode ser estudado com bastante precisão nos abrigos do sudoeste de Goiás, onde os restos alimentares da fase Paranaíba, tradição Itaparica, são abundantes e bem conservados. Os animais caçados são das espécies mais variadas e de todos os tamanhos, desde cervos, veados, capivaras, macacos, tamanduás, tatus, tartarugas, lagartos, emas, todo tipo de aves e pequenos peixes; também se recolhiam os ovos das emas. Os moluscos estão ausentes neste período, mas vão ser alimento básico no seguinte. Os animais classificados são todos de espécies holocênicas, não tendo aparecido nenhum exemplar de espécie extinta. Também aparecem caroços de frutos, principalmente de palmas. Estes alimentos provêm de um ambiente diferenciado, onde se reúnem campos limpos, cerrados, cerradão, matas tropicais e ambientes ribeirinhos e palustres.

Os artefatos mais importantes e mais frequentes são unifaciais, isto é, tem um face plana não trabalhada, a outra convexa e transformada. Uma grande parte é feita de lâminas, lascadas por percussão e retocadas por percussão ou pressão. Outras são feitas a partir de lascas. Serviam para as funções de cortar, furar, raspar, alisar, esmagar e quebrar. Na terminologia dos arqueólogos aparecem como raspadores, furadores, facas, talhadores, machados, alisadores ou mós, discos, quebra-cocos ou bigornas, bolas e percutores. Entre os cinco últimos, alguns são picoteados ou alisados

Nos locais de ambiente rico e matéria-prima mineral abundante, como no sudoeste e centro de Goiás, os restos de artefatos e resíduos de lascamentos podem chegar a centenas de milhares em escavações relativamente pequenas e nelas se pode acompanhar todo o processo de manufatura. As peças são grandes e bem acabadas. Na região de Lagoa Santa, pelo contrário, os artefatos são quase indistinguíveis dos detritos de lascamento, pela deficiência de rochas adequadas.

A matéria-prima no sudoeste de Goiás é o quartzito ou arenito silicificado, que se encontra nas próprias paredes dos abrigos ou nos blocos desgarrados dos mesmos; nos sítios sobre colinas, a matéria-prima provém dos seixos que recobrem seu topo ou seus flancos. Em outros lugares, geralmente é selecionada entre os seixos transportados pelos rios. Matéria-prima muito importante também são as peles, os cascos, os ossos, os dentes e chifres dos animais caçados, porque os ossos da caça estão quebrados, cortados, apontados. Ossos longos de veados eram afinados para produzir espátulas.

Pelo tipo, distribuição e quantidade de resíduos encontrados nos acampamentos, inferimos que os grupos eram pequenos, compostos cada um provavelmente por algumas famílias, que se moveriam como bandos frouxos dentro de um espaço imprecisamente delimitado.

Os mais antigos esqueletos humanos provenientes de escavações controladas por arqueólogos, na Serra do Cipó MG, têm aproximadamente 12.000 A.P. (Prous, com. pes), em Pedro Leopoldo MG, entre 10.000 e 9.000 A.P. (Cunha e Guimarães 1978), em Serranópolis GO, aproximadamente 9.000 e 8.000 A.P. (Schmitz et al. 1981), em São Raimundo Nonato PI, aproximadamente 8.400 A.P. (Guidón, II Reunião Científica da SAB).

Dentros dos abrigos encontram-se numerosíssimas pinturas contemporâneas da ocupação, que formam um elemento importante no estudo da dispersão das culturas e das populações.

A impressão geral do período é de amplos horizontes de tecnologias bastante homogêneas, baseadas na caça e coleta generalizadas dentro de um ambiente diversificado, que permite a sobrevivência de bandos dispersos e altamente móveis, cuja vida os arqueólogos deverão reconstituir nas próximas décadas.

CARACTERÍSTICAS DO CERRADO

A cobertura vegetal é a melhor resposta às condições ecológicas da paisagem, porque reflete as complexas inter-relações entre os fatores do meio e as plantas que nele vivem (Kuhlmann et al. 1983). Da mesma forma, no estudo de populações humanas de economia simples, centrada na caça e coleta, a compreensão da cobertura vegetal como ecossis-

tema global, pode-se constituir num elemento fundamental para vislumbrar processos culturais desenvolvidos por essas comunidades, compreender as estratégias de exploração ambiental adotadas e consequentemente captar elementos que propiciem o conhecimento dos tipos de planejamento utilizados.

Com esta preocupação, abordaremos certos aspectos da vegetação de "Cerrados", procurando destacar alguns elementos que nos conduzam à compreensão de sua configuração e extensão, por ocasião do início do povoamento humano no interior do continente, bem como evidenciar algumas relações entre esta paisagem vegetal e a Tradição Itaparica.

Características principais

Em estudo sobre a organização natural dan paisagens inter e subtropicais brasileiras, Ab'Sáber (1977a) trata as áreas cobertas por cerrados como um domínio morfoclimático específico, enumerando suas principais características:

"Área de uma grandeza espacial, que recobre quase 2 milhões de quilômetros quadrados. Região de maciços planaltos de estrutura complexa e planaltos sedimentares compartimentados; cerradões e cerrados nos interflúvios e florestas-galerias contínuas, ora mais largas ora mais estreitas; cabeceiras em "dales", ou seja ligeiros anfiteatros pantanosos; solos de fraca fertilidade primária, em geral; drenagem perene para os cursos d'água principais e secundários, com desaparecimento dos "caminhos d'água" das vertentes e dos interflúvios, na época das secas; interflúvios muito largos e vales bastante espaçados entre si, com pouca ramificação geral da drenagem na área "core" dos cerrados, enclaves de matas em manchas de solos ricos, ou árcas de cais de nascentes ou olhos d'água perenes; ausência de mamelonização, calhas aluviais de tipos particularizados, em geral não meândricos nos planaltos; níveis de pediplanação nos compartimentos de planaltos, pedimentos escalonados e terraços com cascalhos; sinais de flutuações climáticas e paisagísticas vinculadas nas depressões intermontanas centrais ou periféricas da grande área dos cerrados; climas de tipo sudanês, com precipitações globais variando entre 1.300 e 1.800 mm, concentradas no verão e relativamente baixas no inverno. Enclaves de matas, na forma de capões, de diferentes ordens de grandeza espacial."

A área contínua do cerrado inclui praticamente todos os estados de Goiás e Tocantins, oeste de Minas Gerais e Bahia, leste de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, sul do Maranhão e Piauí (Fig. 1). Desta área contínua e maciça, há finas ramificações que penetram em Rondônia, sul do Pará e São Paulo. Áreas disjuntas de cerrado, inclusas em outros tipos de vegetação, de tamanhos variados, ocorrem em diferentes partes do Brasil, notadamente no Nordeste, São Paulo, Paraná e

Amazônia (Kuhlmann et alii 1983).

Em outro estudo (Barbosa 1976a), chamamos a atenção para a diversidade de formas vegetais que compõem o cerrado enquanto sistema biogeográfico. Essa diversidade de matizes tem contribuído para a dificuldade dos pesquisadores em determinar que tipo de fisionomia corresponde à vegetação original ou pelo menos, aquela que, sem provável interferência humana, reflete as condições ambientais predominantes. O trabalho de Kuhlmann et alii (1983), sobre interpretação de imagens de radar e landsat, ressalta também essa preocupação e os autores afirmam: "O que se procura definir com o termo 'cerrado' não é apenas um tipo de vegetação, mas um conjunto de tipos fisionomicamente distribuídos dentro de um gradiente que tem como limites, de um lado, o campo limpo do outro o cerradão". Acrescentaríamos, as ilhas de matas e matas galerias, integrantes decisivas desse ecossistema (Barbosa et alii 1988).

Kuhlmann et alii (1983) tecem os seguintes comentários:

"...Nem sempre é possível retratar com fidelidade no mapa os tipos de vegetação através da interpretação de imagens de radar e landsat, observando-se apenas as gradações do cinza... Mesmo depois de serem efetuados vôos de comprovação de baixa altura, persistem muitas dúvidas. Por esta razão torna-se importante a análise dos padrões de relevo, solo e geologia. Estes padrões quando cuidadosamente analisados servem de indicadores dos tipos de vegetação.

"Mesmo quando o cerrado recobre grandes chapadas e chapadões tabulares, sua homogeneidade é quebrada com frequência por vales, tanto estreitos e profundos como amplos e rasos, nos quais, pelo afloramento do lençol d'água ou pela mudança dos componentes minerais; e orgânicos do solo, somados à maior proteção contra o fogo, a vegetação se modifica inteiramente, ora para o tipo florestal, ora para os campos limpos com buritis, constituindo estes últimos as belas paisagens de veredas.

"Ao se estudar a ecologia do cerrado, observa-se que uma das características mais marcantes da sua biocenose é a dependência de alguns de seus componentes aos ecossistemas vizinhos. Muitos animais tem seu nicho distribuído entre o bioma de cerrado propriamente dito e o de floresta. Podem, por exemplo, passar grande parte do dia no cerrado e abrigar-se à noite na floresta ou vice-versa".

Kuhlmann et alii (1983) evidenciam ainda as seguintes observações quanto à topografia dos cerrados:

"O que caracteriza esta área é a alternância de formas topográficas representadas pelos morros, de altura variada, e depressões estreitas ou amplas. Dependendo da espessura e da composição mineralógica dos solos, as fisionomias do cerrado e de outros tipos de vegetação, podem estar nitidamente separadas ou podem confundir-se em contatos pouco nítidos. Há áreas de pequena superfície em que quase todas as fisionomias do cerrado, matas de nascente, de galeria e veredas são encontradas, constituindo um mosaico".

Em 1948, Waibel estudou a vegetação e o uso da terra no Planalto Central do Brasil, e ao constatar que dentro de áreas muito limitadas, sob as mesmas condições climáticas, pode-se encontrar uma grande variedade de tipos de vegetação, concluiu que elas dependem principalmente de condições edáficas. Baseando-se nos conceitos dos agricultores locais, afirma que há dois grandes tipos; os solos de matas e os solos de campo. Análises de solos revelam que os de cerrado (isto é, de campos) são sempre mais pobres que os de mata.

Alvim e Araújo (1952) concluem também que a distribuição dos cerrados é controlada pelo solo mais que por qualquer outro fator ecológico. Segundo esses autores, as plantas parecem ser tolerantes a um baixo teor de cálcio e a um pH baixo, que não permitem o crescimento de árvores típicas da floresta.

Arens (1958a) admitiu que o pronunciado xeromorfismo (escleromorfismo foliar) do cerrado fosse uma consequência das condições oligotróficas dos solos, que são geralmente, ácidos e empobrecidos em bases notáveis. Um dos fatores principais é, provavelmente, a relativa escassez de nitrogênio assimilável, que pode dar origem ao escleromorfismo oligotrófico.

Em trabalho posterior Arens (1963 e 1971 citado por Ferri 1973) afirma que as deficiências minerais limitam o crescimento e em consequência causam um acúmulo de carboidratos. O excesso e açúcares é utilizado para a formação de cutículas espessas, de esclerenquema; para produção, em resumo, de estruturas que dão à planta o caráter escleromorfo.

Goodland (1969), ao estudar os solos do Triângulo Mineiro, estabelece uma relação entre os gradientes de fertilidade do solo com as diversas fisionomias. Variam do cerradão ao campo limpo de cerrado, os seguintes fatores: pH, porcentagem de carbono e nitrogênio, matéria orgânica, teor Ca+++ Mg++, K+ Al+++, percentagem de alumínio, fosfatos e relação C.N. Assim o solo do cerradão ocupa a extremidade mais alta do gradiente, por apresentar teores elevados de matéria orgânica (N,P,K), Ca, Mg, pH mais alto, baixa relação C/N e quantidades menores de alumínio.

O domínio de um clima quente e subúmido com quatro a cinco meses secos empresta à Região uma notável homogeneidade climática, e esta, por sua vez, é reforçada pela uniformidade de seu sistema geral de circulação atmosférica (Nimer 1979).

Uma vez satisfeita a condição climática, o cerrado aparecerá ou não na dependência de fatores edáficos de ordem nutricional. As diferenças de regime hídrico e térmico, dentro de certos limites, não implicam em modificações sensíveis na fisionomia de vegetação do cerrado (Reis 1971).

Camargo (1963), considerando as influências climáticas do ponto de vista dos aspectos micro, topo e macroclimáticos, informa que dada a escassa cobertura vegetal, as temperaturas do ar e do solo e a umidade variam muito no decurso do dia. Em sua opinião, esta condição microclimática severa é antes consequência que causa da vegetação. Também o topoclima tem efeito limitado sobre a vegetação natural.

O estudo do fogo como agente será mais completo se forem observados não somente as comunidades vegetais, mas também a comunidade animal e os hábitos que certos animais desenvolveram, intimamente associados à ação do fogo, cuja assimilação, sem dúvida, necessita de arranjos evolutivos. Em nossas longas observações, constatamos que a perdiz (Rhynchotus rufesen: rufescens), para citar um exemplo, só faz seu ninho em "macegas", tufos de gramínea, queimados naquele ano. E, visitando várias áreas imediatamente após uma grande queimada, constatamos que as árvores e arbustos enegrecidos superficialmente continuam vivas e ainda mantêm entre a casca enegrecida e o tronco uma intensa microfauna. Fenômeno semelhante acontece com o estrato gramíneo, que, poucos dias após queimado, mostra sinais de rebrotas que constituem elemento fundamental para concentração de certas espécies animais.

Na verdade, o fogo é um elemento extremamente comum no cerrado e de tal forma antigo, que a maioria das plantas parece estar a ele adaptada. As túnicas são encontradas em plantas da vegetação baixa dos campos, como Graminae, Cyperaceae, Iridaceae, Filicinae, etc. Ocorrem também em Velloziaceae, Bromeliaceae e Eriocaulaceae. São envoltórios de pontos vegetativos e, em função, comparam-se aos catafilos que protegem as gemas dormentes. Sistemas subterráneos bulbos, rizomas, (tubérculos e xilopódios), que também proporcionam resistência a condições adversas.

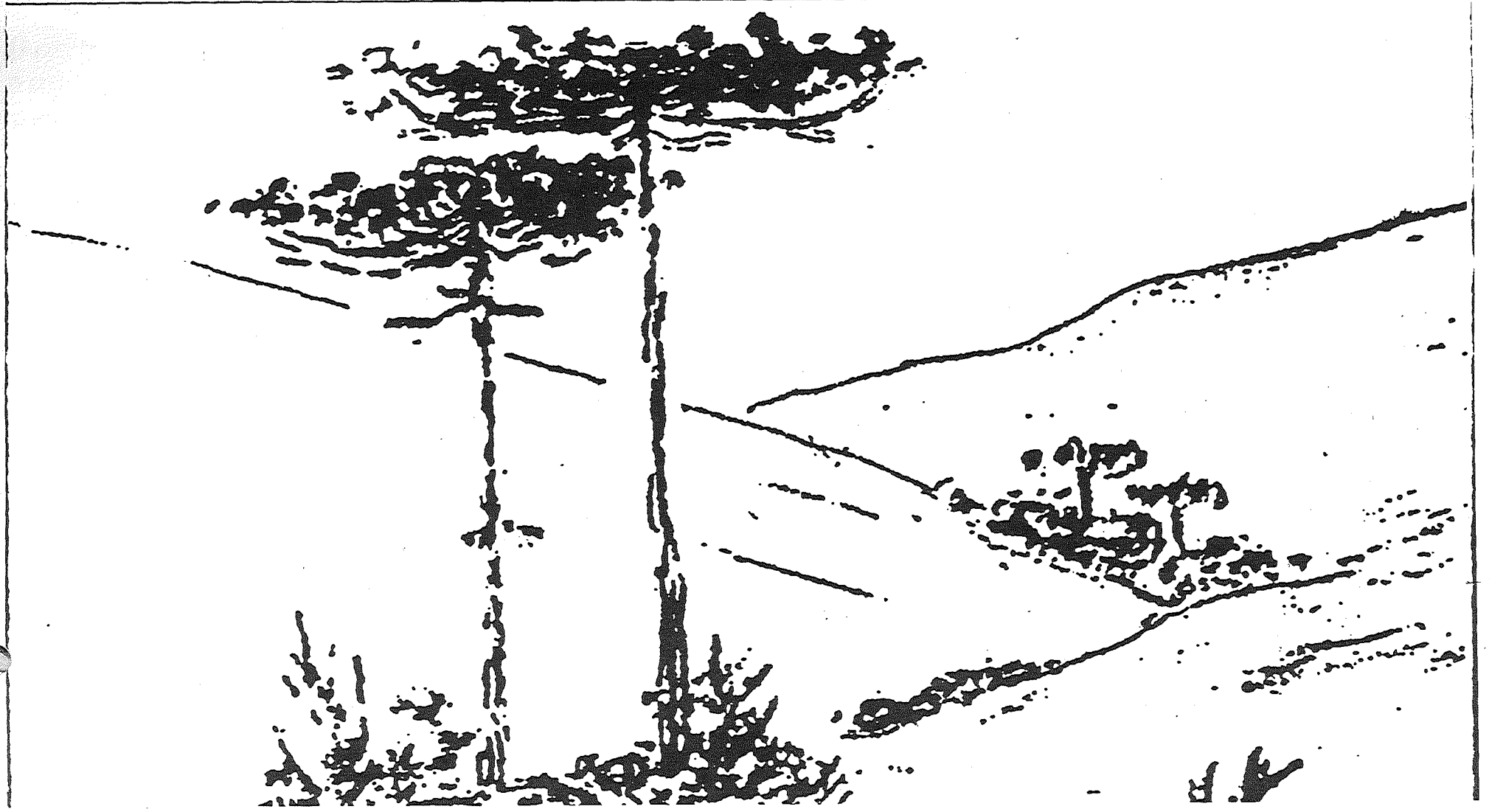
O fogo é um fator que acentua ainda o oligotrofismo, influindo desta maneira sobre a conservação ou a propagação do cerrado (Arens 1958b). A ação sobre os microorganismos do solo é muito importante, porém pouco conhecida. A produtividade primária é aumentada, pois há uma aceleração da ciclagem dos nutrientes minerais (Goodland 1969). Aumenta o vigor da vegetação subarbustiva, enquanto que a arbustivo-arbórea o tem diminuído. Isto significa um aumento progressivo das áreas de campo sobre as de cerrado e cerradão (Coutinho 1976, citado por Ferri 1973).

Quanto à primeira parte da afirmação de Coutinho, nossas observações a corroboram integralmente. Entretanto, quanto à segunda parte, temos constatato o contrário. É necessário tomar em consideração o aspecto da competição. Uma área onde a queimada não ocorre, favorece o crescimento das gramíneas a alturas consideráveis; o enrijecimento dos seus caules e a maturação em massa e dispersão de suas sementes, restringem o espaço dos arbustos e das espécies arbóreas jovens, ao passo que a queimada, embora lhe aumentando o vigor, inibe de certa forma sua área de dispersão, propiciando áreas ensolaradas e abertas para as plantinhas em formação.

Ao longo do tempo, a ação do fogo deve ser buscada em causas naturais. O calor e as variações do albedo, sempre alto nas áreas de cerrado, provocam intensos movimentos covectivos na atmosfera, onde a concentração da umidade e o forte gradiente térmico atmosférico montam, rapidamente, tempestades magnéticas caracterizadas pela intensidade dos trovões, relâmpagos e raios (Nascimento 1987 ined.).

Atualmente, a ação antrópica do fogo de forma incontrolável, vem provocando sérios desequilíbrios neste sistema biogeográfico.

□ **ALTAIR SALES BARBOSA** é Arqueólogo e Antropólogo, Diretor do Instituto do Trópico Subúmido (ITS) da Universidade Católica de Goiás.



A Agricultura e a Mãe Terra

☐ **Bernardo Élis**

No presente texto, Bernardo Élis incursiona pela história da Agricultura, daí extraindo importantes reflexões para Uma Filosofia Ambiental e Fundiária.

Embora tenha sido o Brasil um país agrícola desde os seus primórdios e o reino vegetal se haja constituído o essencial suporte da sociedade em toda a sua história, mesmo ao tempo da exploração do ouro, somente tardiamente se formaram Institutos ou Escolas especializadas no ensino da Agricultura como ciência ou técnica, pois somente em 1887 criou o Governo Imperial o Instituto Agronômico de Campinas, São Paulo. Mais tarde vieram as grandes escolas de agricultura em Minas Gerais e a Escola Superior de Agricultura Luís de Queiróz, de Piracicaba, já nos albores do presente século. Por fim, na segunda metade deste século, este ensino chegou a Goiás.

Este descaso, talvez, é explicável porque a nossa agricultura sempre foi efetuada, na prática mais exata, pelos seguimentos mais miseráveis e mais atrasados culturalmente de nossa sociedade, isto é, por escravos negros e indígenas recém-emersos ou ainda imersos na idade da pedra polida.

É a agricultura uma das mais velhas atividades da humanidade e talvez caiba a ela a dignificante tarefa de haver humanizado o antropóide de que descendemos. Foi trabalhando a terra e as plantas para criar a agricultura que o antropóide criou o homem ou nele se transformou. É com justeza que escreve Josué de Castro: "A agricultura representa um fato tão importante na evolução econômica dos povos que vem historiador francês afirmou constituir a mais admirável descoberta humana depois do fogo". Também os fisiocratas, com Quesnay à frente, viam na agricultura a única atividade criadora de riquezas.

Tão velha quanto a humanidade, durante muitos séculos a agricultura progrediu em passos extremamente lentos. O uso de fertilizantes limitava-se apenas à contribuição do esterco e da marga. Somente há dois séculos, o trabalho da enxada e o uso do arado de tradição milenar foram superados portécnicasagrícolas ligadas ao progresso geral da Economia e da Ciência. O emprego de máquinas agrícolas, as novas descobertas da química agrária e da biologia vegetal abriram uma nova fase à agricultura. As novas descobertas transformaram a agricultura das nações desenvolvidas em uma verdadeira organização industrial, tão complexa quanto a do aço ou do petróleo, aumentando sensivelmente as colheitas. O fenômeno criou fortes desequilíbrios entre os países ainda ligados a antiquadas estruturas agrícolas e os países industrializados. Para superar tal desequilíbrio — do qual depende em grande parte a solução do problema da fome — foi criado um organismo internacional, Organização para a Alimentação e a Agricultura, de onde se tirou a sigla FAO.

Apesar de todo esse assombroso avanço, observa um geográfo moderno, Jean Brunhes, que a descoberta de qualquer planta útil ao homem foi feita há mais de dois mil anos. Daí para cá, não se conhece nenhuma nova descoberta, sem embargo dos progressos científicos e sem embargo de que países como o Brasil e outros da África ainda não conheçam a metade das plantas que formam sua flora. É um fato estranho!

Reforma Agrária - um passo decisivo no progresso da agricultura. No Japão a reforma agrária foi feita pelos Estados Unidos em 1945.

Em vista do crescimento populacional do globo terrestre e ampliação do espírito democrático, a humanidade tem apelado para melhor distribuição de terras entre os homens, realizando REFORMAS AGRÁRIAS, rompendo assim os latifúndios e minifúndios prejudiciais, bem como provocando o aproveitamento de áreas conservadas improdutivas, tais como os mares e os desertos estéreis a exemplo do que tem feito a Rússia e Israel. As primeiras realizações com reforma agrária, nos tempos modernos, deram-se nos Estados Unidos, após a Guerra de Secessão, e na França, com a Revolução Francesa de 1779, de que resultou o aumento de novos proprietários de terras e conseqüentemente maior produção agrícola que além de oferecer crescimento da mão-de-obra, fortaleceu o abastecimento do mercado de alimentos, em que se transformaram as grandes cidades industriais.

Nos tempos mais recentes houve a reforma agrária mexicana e a grande e radical

Em Goiás, a agricultura era medieval. A Coluna Prestes encontrou pouco gênero alimentício em Goiás, como aconteceu com o Exército Nacional em Canudos (1896)

reforma agrária da Rússia e outros países do Leste Europeu, sem esquecer outra importante distribuição de terras na China. Após a última grande guerra houve a reforma agrária japonesa que teve uma característica muito especial: foi feita pela tropa de ocupação norte-americana. A seguir vieram as reformas agrárias da Itália,Espanha,de Cuba eoutros países da América Latina, como Chile, Colômbia, Bolívia, etc...

Para brincar, eu digo que sou uma pessoa que vem do século 18 , isto é, de1700. Quando nasci em 1915, Goiás vivia como se estivesse em pleno século 18; nosso nível de desenvolvimento cultural seria igual a Portugal ou Espanha de 1750. No prazo, pois, de uma vida, de minha vida, vivi as transformações que a Europa assistiu pelo prazo de mais de dois séculos. Quando nasci, o arado manual, instrumento agrícola já utilizado pelos egípcios, não era conhecido entre nós; aqui não havia estradas pavimentadas, toda energia ou provinha da força muscular ou da queima da madeira, o único veículo de rodas conhecido era o pesado e moroso carro de bois.

A pecuária valia pelo couro que exportávamos e a agricultura era tão atrasada quanto a dos indígenas, representantes da cultura da pedra polida. A fome era quase permanente, pois a produção agrícola apenas se destinava ao consumo das famílias que geravam tal produção, nada sobrando para o mercado. Por tal forma, quem. não tinha roça, como acontecia com alguns padres, alguns juízes e advogados, funcionários públicos, artesãos e soldados — esses passavam grandes necessidades alimentares.

Quando a Coluna Prestes percorreu Goiás, entre 1924-1926, mantinha as chamadas potreadas, que eram patrulhas montadas a cavalo que se estendiam pela frente e pelos flancos da coluna militar principal, numa área de 50 quilômetros, com a finalidade precípua de arrebanhar cavalos que garantissem o transporte da tropa militar, mas que tinha também a missão de arrecadar mantimento para sustento de homens e animais.

Com a escassa produção agrícola de Goiás, o repentino acréscimo de dois mil consumidores, que a tanto subia o número de soldados da Coluna Prestes, difícil se tornava a alimentação de tanta gente, obrigando-se os volantes a tomar à força todo mantimento que pudessem encontrar num raio de 50 léguas em torno da coluna. Assim mesmo, a comida daquela gente era prioritariamente a carne bovina, pois nosso rebanho vacum já era considerável. Também para alcançar Canudos, no sertão baiano, na campanha que o Exército manteve contra o bacato Antônio Conselheiro, à falta de alimento produzido na área de operação militar, viu-se o Governo Federal na contingência de ter que construir uma ferrovia especialmente para abastecimento e apoio logístico da expedição.

Naqueles tempos, a coisa mais difícil era manter as tulhas onde se guardavam o arroz, o feijão, o milho,etc... para sustento das famílias, durante o ano. A partir do terceiro mês depois da colheita começavam a desenvolver-se nesses produtos as pragas que os danificavam e que no começo da nova safra agrícola já haveriam transformado o mantimento num bagaço sem qualquer valor nutritivo.

Trabalhei numa venda, nàquele tempo. A partir de junho, as tulhas tornavam-se fantásticas. Ao abrir a tampa de uma delas, dali saíam milhares de pequenas borboletas brancas que entupiam o ambiente. Tinham sido geradas no arroz. Algum tempo depois, do grão de arroz saía um besouro preto pequeno, dotado de longa tromba que lhe dava ares de tamanduá em miniatura. Nesse momento, o arroz era uma papa impossível de cozinhar. Com o feijão a deterioração era maior. A qualquer humidade os bagos brotavam e se perdiam. Para conservá-los, usava-se misturá-lo com barro vermelho, ou besuntá-lo com gordura de porco ou ainda usar do seguinte processo: forrrava-se a tulha com uma camada de areia, sobre a qual se estendia uma camada fina de feijão, para depois deitar outra camada de areia, até o alto do recipiente.

Mesmo assim, brevemente o feijão estava caruncha-do, gerando dentro de si,de começo um pequeno coró branco que depois se metamorfoseava num besouro minúsculo, redondo e preto, muito voador. Nesse estado o feijão não cozinhava, não engrossava caldo, e por cima ficava uma nata formada dos tais corozinhos brancos ou dos besouros pretos, que a gente tentava catar como era possível, mas esse possível era muito impossível. Comia-se então feijão e besouro.

Também o toucinho não oferecia bom aspecto. Era atacado por varejeiras e sobre ele se formava uma capa de pequenos corozinhos leitosos em constante movimento. Para se fritar o toucinho, urgia raspá-lo com uma faca e atirar os bichos às galinhas. De bichos semelhantes eram ricos os queijos, as carnes secas e outros alimentos.

Nesses tempos desprovidos de inseticidas, os mosquitos eram uma imensidade. Mal caiam as primeiras chuvas, aqui e ali formavam-se nuvens de mosquitinhos que imitavam um funil, cujo bico estivesse no chão ou numa poça d'água e que se abria para o alto em largos diâmetros.As moscas caseiras também proliferavam terrivelmente. Ainda em 1938 eu fui a uma fazenda em Corumbá, cujo proprietário era rico e eleitor influente na região. Era mês de novembro e a quantidade de moscas caseiras era impressionante. No curral onde estrume verde de bovino batia no meio da canela de um homem, à proporção que a gente avançava na andadura, as moscas voavam como se fossem água se abrindo ao impacto da proa de um barco. O mesmo acontecia dentro de casa, onde mal se podia conversar, pois as moscas entravam pela guela a dentro. À refeição, os pratos já vinham com moscas, e enquanto a gente se servia, novas moscas iam caindo nos alimentos. Uma nojeira! Nem a noite as moscas aquietavam. Isso motivou o conto drama "Os Insetos".

Aqueles eram os tempos dos insetos. Pulgas, percevejos, piolhos abundavam.

Apesar dos pesares, benditos sejam os inseticidas hoje em dia!

Alguém talvez esteja objetando que comer moscas pode ser menos nocivo à saúde do que ingerir o mundo de defensivos agrícolas que hoje envevenam os produtos alimentares, desde os grãos até os frutos, com escala por legumes e carnes. Pode ser exata a objeção, mas na verdade, naqueles tempos, a população era bem mais doente. A velhice se manisfestava aos 40 anos e quase todo mundo tinha macacoa ou defeito qualquer. Haviam os mancos, pernetas, manetas, tortos, corcundas, papudos, caolhos, desdentados, aqueles homens deformados por hérnias ventrais ou escrotais, haviam os feridentos de toda espécie. As mulheres, coitadas, essas padeciam os mais feios, graves e nocivos males, embrulhadas em panos que ocultavam sua beleza e graça. A água, tão indispensável, era artigo difícil,o que tornava precária a higiene corporal e a higienização das coisas. Uma das maiores descobertas dos ingleses, essa coisa que tanto embelezou e dignificou o ser humano, essa coisa também não existia naquele tempo,se chama privada patente ou privada higiênica. Ah, aquele negócio.

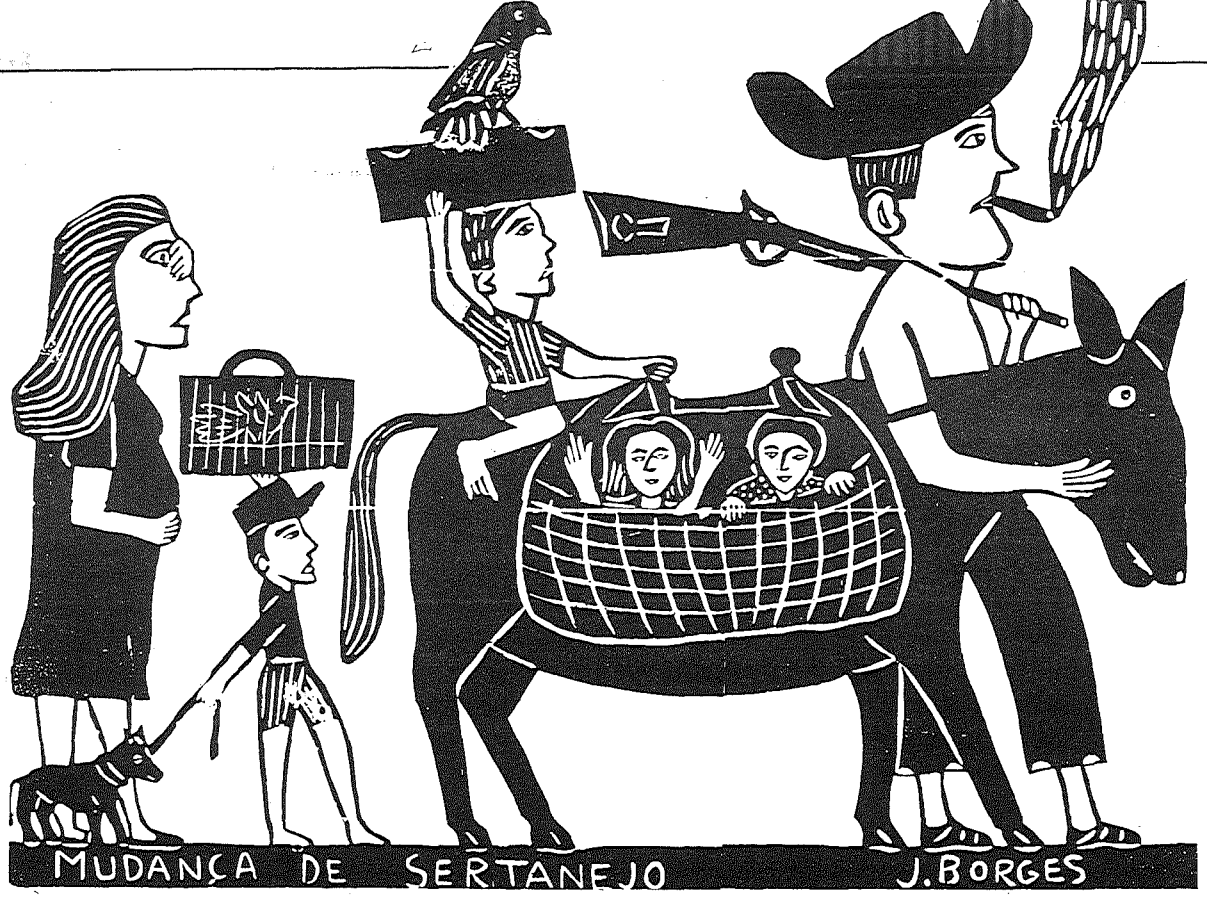
Meu Deus, uma dor de dente! Eram batalhões de pessoas de lenço ou trapo amarrado na cara, chorando de dor de dente. À falta de dentista, de analgésico, de ácido acetil salicílico, deixava-se a infecção dental progredir, inchar até vir a furo ou do lado de dentro da boca ou pelo lado de fora, marcando o rosto com uma cicatriz purulenta. E os morféticos, tuberculosos, desnutridos, verminosos!

Quando menino, vendo os roceiros de Corumbá, Goiás, Pirenópolis, Jaragua, etc., vestidos de modo diferente de nos citadinos, isto é, um cerondão de algodão cru e uma camisa longa do mesmo pano, alimentando-se até com tanajuras (içás de formiga cabeçuda) falando numa linguagem deturpada, criei a convicção de que os roceiros não eram gente como os outros. Quando fiquei sabendo que também eles era como nós, eram nossos irmãos, passei a interessar-me pelos mistérios que apresentavam, procurando decifrá-los, principalmente através da literatura então existente sobre eles.

Era difícil chegar a alguma conclusão porque o roceiro, o caipira, o homem rural, ora era enaltecido como verdadeiro herói, por exemplo, Juca Mulato, ora era ridicularizado, como nas obras de Cornélio Pires, Monteiro Lobato e outros. Fora daí, toda a literatura passada fora das cidades apoiva-se na vida dos proprietários de terra e de escravos, gente rica, poderosa e que vivia como a nobreza

Até 1950 comia-se mais caruncho do que feijão e arroz

O roceiro, o caipira, seria gente?



A obra literária de Bernardo Élis combate o atraso, especialmente da agricultura

européia, a quem copiava. Pouco a pouco, porém, sobretudo depois do modernismo e do aparecimento de certa literatura de cunho socialista, passei a ter uma compreensão justa do nosso roceiro e daí surgiram alguns trabalhos literários meus, nos quais procurava situá-los como centro de minhas cogitações humanistas.

Dentre as minhas produções literárias poderia destacar o conto "A ENXADA", bastante divulgado, onde, debaixo do manto da fantasia, abordam-se aspectos mais importantes que a agronomia pode anotar, no mundo rural goiano e brasileiro. Piano, a figura principal, é o tipo do homem destruído pelas perversas condições da agricultura nacional. Totalmente desinstruido, sem qualquer assistência técnica agronômica ou social e espiritual — é apenas pasto fácil para as moléstias e para a exploração dos donos de terra. A sua degradação já atinge a própria espécie humana, pois o filho é um ser degenerado e inutilizado pelas mazelas genéticas, as quais nenhuma assistência médica ou de qualquer outra natureza tenta, pelo menos, minimizar. A mãe desse idiota era uma pessoa válida que se tornou paralítica por força de um parto mal-sucedido e que desempenha o papel de cozinheira, dona-de-casa, lavadeira dé roupa e realiza outros afazeres se arrastando pelo chão como um bicho aleijado. Quando muito, o filho bobo a coloca nos ombros e faz sua locomoção para lugares mais distantes.

É uma denúncia de que as péssimas condições de vida estão fazendo do brasileiro uma raça de sub-homens incapazes de promover o progresso da Nação que, desgraçadamente, vive do precaríssimo trabalho desses miseráveis. São aleijados, doentes, ignorantes que conhecem apenas um instrumento de trabalho que é a **enxada.** Aí a ENXADA se transfigura na base de uma civilização e de uma cultura marcadas pela doença, pela miséria e pela ignorância.

Quase toda a minha literatura está vazada nesse tom. As péssimas condições de vida atingem igualmente os donos de terra, os grandes fazendeiros que, queiram ou não, participam das mazelas gerais reinantes.

Pode parecer a alguém que eu esteja misturando alhos com bugalhos, e tratando questões políticas ou eminentemente sociais como se pertencessem à área da Agronomia. Não. Não há confusão. Embora a solução dos problemas componeses caiba em grande parte às decisões de ordem política, ao AGRÔNOMO entretanto compete um papel de enorme relevância, talvez maior do que aquele que cabe aos políticos, pois que é o engenheiro agrônomo que terá de tornar vitoriosas ou transformar em realidade os planos de cunho político-social. Infelizmente a meta única do lucro pessoal e egoítico ligado à ambição da propriedade privada da terra tende a fazer dos avanços técnicos armas perigosas manobristas pelo poder que se pretende destruir. Entretanto, nos paises socialistas, em que diziamos nós não havia a exploração do homem pelo homem, esses males igualmente tiveram vigência.

Se a cultura da enxada (para usar a metáfora antes referida) levou à devastação da terra pela formação de capoeiras e vossorocas, máquinas agrícolas modernas que penetram fundo à terra, provocam erosões devastadoras e irrecuperáveis. Habitantes que somos do planalto sul-americano, estamos destruindo nossa camada de solo orgânico e fazendo-a carregar pelos

Venham poluir Goiás" - sinistro "slogan" vigente há pouco

rios que correm para os paises vizinhos, aumentando agora com maior velocidade a planície que a geogenia ali construiu através dos tempos. Igual processo ocorre nos rios da Bacia Amazônica que construíram com dejetos dos planaltos andinos e brasileiro a maioria das ilhas do Caribe, de proverbial fertilidade.

E que dizer dos agrotóxicos que o eufemismo industrial abrandou para defensivos agrícolas que usados inexcrupulosamente com apoio da ignorância e da má-fé, sem orientação técnica agronômica, transformam-se no maior inimigo das plantas, da terra e do homem! É de ontem ainda o processo de desertificação instalado em Goiás, na região ou nas regiões mais ricas de vegetação natural, com base na irresponsabilidade de agricultores ambiciosos que a troco de lucros atuais inutilizam a terra para as gerações vindouras. E temos ainda as nossas florestas ou seja o revestimento florístico de nosso solo tratado impiedosamente por brutais processos de desmatamento que estão nos levando à criação de desertos irrecuperáveis. É de ontem o **slogan** posto em uso por certo Governo passado que dizia: "Venham poluir Goiás".

Foi à época que poderosos tratores atrelados por fortíssima corrente, percorriam os cerrados deitando por terra toda a vida arbórea ali existente.

Hoje a produção agrícola de Goiás se mostra diferente, para melhor. Nossa produção agropecuária é uma das mais expressiva do País.

Entretanto, temos que reconhecer que Goiás, como grande parte do Brasil, país do latifúndio, das imensas propriedades agrárias pessimamente aproveitadas, usando métodos de trabalho inadequados, com inexistência de uma estrutura econômica capaz de desenvolver a produção de alimentos e outros oriundos da terra, a exemplo da agricultura americana. Assim, o maior País do mundo com terras agricultáveis, não sendo muito populoso, tem uma produção agrícola que não dá para alimentar seus filhos, grande parte dos quais morre de fome. Há algo (senão tudo) errado!

Foi preciso essa exposição, feita algumas vezes de forma dramática ou caricatural, para que eu trasmitisse a minha mensagem. Tenho a maior confiança no saber humano e creio firmemente que só somos curiosos na medida de nossa instrução, como afirmam alguns estudiosos. Em verdade. Um burro não tem capacidade para admirar um palácio. E por falar em burro, lembramo-nos de Sir Isaac Newton, o grande sábio inglês, da segunda metade do 1600.

Certa tarde de outono, estava Sir Isaac Newton tranqüilamente descansando debaixo de um pé de maçã, perdido nas suas elocubrações concernentes ao movimento dos astros pelo firmamento. De repente, como acontecia desde que existem macieiras carregadas e desde que o mundo é mundo, uma fruta madura soltou-se de seu engaço e caiu na preocupada cabeça do sábio. Sir Isaac Newton se abaixou, tomou a maçã e lhe deu uma prosaica dentada, sem antes limpá-la na manga do casaco, como lhe ensinaram na infância...

Aí uma interrogação nasceu na cabeça do sábio. Indagava ele de si mesmo por que motivo a maçã caiu para baixo, para o chão, em vez de cair para o alto, para o céu?

Desde que o mundo era mundo foi a primeira vez que semelhante interrogação surgiu na cabeça de um homem e mais parecia pergunta de um idiota, pois nunca se viu qualquer coisa cair a não ser para baixo. Mas longe de ser uma pergunta idiota, essa foi uma das perguntas mais inteligentes surgidas no cérebro de um ser humano.

A partir dessa indagação, Sir Isaac Newton descobriu a lei da gravidade e da gravitação universal que mantém o equilíbrio dos astros no Universo e que permitiu ao homem chegar à Lua e enviar naves espaciais pelo infinito cósmico. A curiosidade do sábio era produto de uma instrução superior a de todos seus semelhantes.

Todo momento é decisivo para a humanidade. Mas inegavelmente vivemos um momento de graves redefinições e de redirecionamento do destino do homem na face da Terra e no Cosmos, onde já vamos penetrando. O mundo socialista que tantas esperanças criou na humanidade e que de maneira tão decisiva contribuiu para que hoje tenhamos mais liberdade e maior entendimento das nossas capacidades e limitações — o mundo socialista fracassou em sua organização.

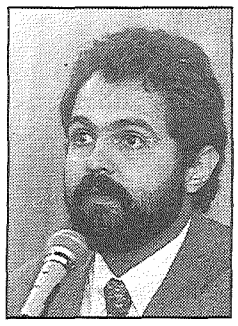
A chave principal de fazer da terra uma mesa de refeição em que todos tenham lugar ou que nela apenas os poderosos e favorecidos da sorte possam assentar-se, como previa Tomás Roberto Maltens.

□ **Bernardo Élis** é contista, romancista e membro da Academia Brasileira de Letras.

Endereço para correspondência: Rua C-237/nº 189 — Jardim América — Goiânia-GO.

DEPUTADOS DISTRITAIS

Agnelo Queiroz
PC do B



Um projeto de lei apresentado pelo deputado Agnelo Queiroz autoriza o Distrito Federal a firmar um acordo de irmandade com Havana, capital de Cuba. O projeto estabelece o intercâmbio cultural, esportivo, artístico, científico, educacional e turístico entre as duas capitais. "A população brasiliense poderá ter acesso, entre outras coisas, às importantes conquistas obtidas por Cuba na área médica, principalmente na oftalmologia e dermatologia", enfatiza o parlamentar.

Carlos Alberto Torres
PPS

O projeto da FEAP suprirá uma falha do programa de assentamentos do GDF. A Fundação a ser instituída tem a finalidade de proporcionar às camadas menos favorecidas da população o acesso gratuito a projetos de arquitetura e assistência técnica para construção, garantindo condições mais dignas de moradia e evitando os desabamentos tão comuns nos períodos de chuva.

Eurípedes Camargo
PT

O deputado Eurípedes Camargo quer ver aprovado com urgência o projeto de resolução n. 170/93, apresentado no dia 22 de novembro, e que trata da apresentação obrigatória, ao final de cada sessão legislativa, da declaração de bens de cada parlamentar, além de determinar a abertura permanente das contas bancárias à sociedade. Transparência no uso do dinheiro público é o objetivo do projeto, e deve servir de exemplo ao País.

Gilson Araújo
PP

A Câmara Legislativa aprovou projeto de lei de autoria do deputado Gilson Araújo (PP), autorizando o Governo do Distrito Federal instalar telefones nos condomínios ou loteamentos, atendendo assim as necessidades sociais básicas da comunidade que reside nessas áreas. Segundo Gilson Araújo, é justo que os moradores de condomínios sejam beneficiados com os equipamentos públicos locais porque são cidadãos que integram um universo de contribuintes.

Aroldo Satake
PP

Os deputados Aroldo Satake e Edmar Pirineus apresentaram projeto de lei criando o Fundo para o Desenvolvimento Rural Integrado do Distrito Federal — Pró-Rural, com o objetivo de oferecer incentivos ao setor agrícola. A criação desse fundo visa a adoção de uma política para agricultura, necessária ao impulsionamento da atividade no campo como fator de desenvolvimento econômico, e a recuperação das perdas financeiras que o setor vem enfrentando.

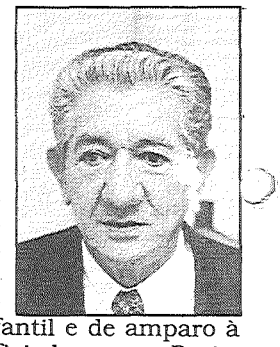
Cláudio Monteiro
PDT

Orquestra Sinfônica no Parque todo mês — O Parque da Cidade poderá contar com mais uma atração cultural como opção de lazer para os brasilienses: apresentações mensais, ao ar livre, da Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional Cláudio Santoro. A iniciativa partiu do deputado Cláudio Monteiro, do PDT, através de indicação apresentada junto à Câmara Legislativa. O parlamentar pedetista sublinhou, ao justificar sua proposição, que "música não é só entretenimento; é cultura, e o povo saberá corresponder às apresentações com presença maciça".

Fernando Naves
PP

A Câmara Legislativa aprovou projeto de autoria do deputado Naves que dispõe sobre o uso de música mecânica ou ao vivo em bares, restaurantes, boates e casas de diversões. Para Naves as constantes reclamações de moradores que residem próximos aos estabelecimentos motivaram a apresentação do projeto. "Existe desinformação, unida à falta de respeito, que acabou gerando desassossego ao cidadão que merece viver dignamente", afirma Fernando Naves.

Jorge Cauhy
(S/ partido)



As entidades registradas na Secretaria de Desenvolvimento Social dedicadas ao atendimento materno-infantil e de amparo à velhice,serão beneficiadas com o Projeto de Lei de autoria do deputado Jorge Cauhy.

A proposta estabelece normas e critérios para que todos os objetos achados em locais públicos e não reclamados em 180 dias, sejam revertidos às instituições assistenciais de reconhecida utilidade pública do DF.

Benício Tavares
PP

O cineasta Nélson Pereira dos Santos será homenageado pela Câmara Legislativa do DF com o título de cidadão honorário de Brasília. O projeto, de autoria do Deputado Benício Tavares, Presidente da Câmara, está em tramitação na Casa legislativa. Além das várias ligações que o cineasta tem com nossa cidade, ele acaba de terminar a montagem do primeiro filme produzido pelo Pólo de Cinema do DF, **A Terceira Margem do Rio.**

Edimar Pirineus
PP

A cobrança de impostos sobre a ocupação de terras públicas na área rural vai garantir os recursos necessários para a execução de projetos de assentamento, educação, saúde, meio ambiente e capacitação profissional no campo. A proposta está contida no projeto de lei nº 1124, apresentado em outubro pelos deputados Edimar Pireneus e Aroldo Satake. A estimativa é que a arrecadação cresça cerca de 400%.

Geraldo Magela
PT

O deputado Geraldo Magela propõe o parcelamento do pagamento do Imposto Sobre a Transmissão Causa Mortis e Doação — ITCD — de quaisquer bens ou direitos. A idéia é facilitar o pagamento do imposto pelo herdeiro,que não possuir outro imóvel, em até seis parcelas transformadas em UPDF. "Esta proposição atende às reivindicações dos contribuintes de menor poder aquisitivo e é uma questão de Justiça", disse Magela.

José Edmar
PFL

O crescimento vertical de Taguatinga, Ceilândia e Paranoá está sendo discutido pela Câmara Legislativa. A proposta foi apresentada pelo deputado José Edmar Cordeiro (PFL), alterando o gabarito dos lotes situados nas principais avenidas. "É uma forma de ampliar a vocação empresarial destas cidades, colaborando para a geração de empregos na área de construção civil e comercial", argumenta o deputado.

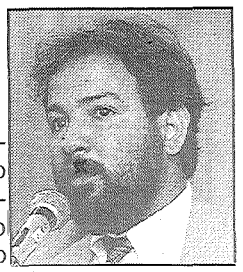
Odilon Aires
PMDB

Por considerar a Avenida Comercial do Cruzeiro de grande importância para o desenvolvimento da cidade, garantindo o atendimento da demanda reprimida e proporcionando a geração de empregos, o deputado Odilon Aires, presidente do PMDB/DF, apresentou projeto de lei autorizando a implantação do centro comercial, que ficará entre o Cruzeiro Velho e o Cruzeiro Novo, onde já existe infra-estrutura, e tem o apoio da comunidade.

Mª de Lourdes Abadia
PSDB

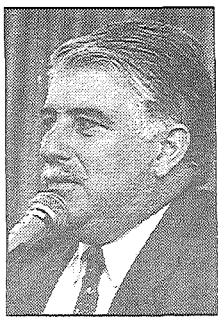
O projeto mais recente da deputada Maria de Lourdes Abadia (PSDB-DF) regulamenta o funcionamento das academias de artes marciais no DF. O bárbaro assassinato de Marco Velasco mostrou "a inexistência de legislação na maioria destas instituições". Entre outras exigências, as academias acompanharão os alunos com médicos e psicólogos para detectarem desvios de personalidade e sinais de violência.

Pedro Celso
PT



O último ato legislativo apresentado pelo deputado distrital Pedro Celso (PT) foi uma moção hipotecando solidariedade ao senador Eduardo Suplicy (PT-SP) por ter tido a iniciativa de solicitar a instauração da CPI do Orçamento. O trabalho da CPI, atualmente, faz parte do cotidiano do povo brasileiro, detonou a nossa "operação mãos limpas". Segundo Pedro Celso (PT), a CPI possibilitará cassar, prender e sequestrar os bens dos corruptos.

Salviano Guimarães
PSDB

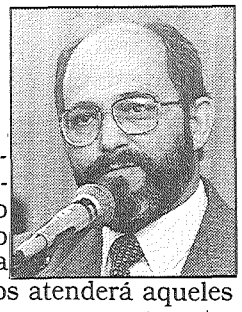


Na defesa da população que mora nos assentamentos do Distrito Federal, o deputado Salviano Guimarães (PSDB) apresentou projeto de lei que garante a escritura pública para os lotes semi-urbanizados dos assentamentos, tal qual ocorre em outras localidades do país de maneira que seja possível trazer mais tranquilidade para as famílias residentes nos assentamentos.

Lúcia Carvalho
PT

A deputada Lúcia Carvalho (PT) continua na luta em defesa do Parque Rogério Pinon Farias. No último dia 4 deu entrada novamente no projeto de lei que assegura a gratuidade do lazer e dos serviços existentes no local, como banheiros e estacionamentos. Este mesmo projeto já foi aprovado pela Câmara, mas o governador vetou pelo simples fato da lei usar o nome Parque da Cidade como a população chama o espaço.

Maurílio Silva
PP



O projeto do Deputado Maurílio Silva (PP) prevendo uma assistência ao menor caraente na faixa de 7 a 18 anos atenderá aqueles que trabalham nas ruas - o engraxate, lavador de carros, o que fica em casa cuidando dos irmãos e o que não trabalha, ainda, mas está em processo de aprendizagem profissional. Finalmente, será, atendido aquele que já está desencaminhado, mas que pode ser recuperado antes de cometer uma infração.

O AME como será conhecido deverá ser sancionado pelo governador Joaquim Roriz ainda no corrente ano.

Peniel Pacheco
PTB

Toda verba destinada à publicidade dos poderes Executivo e Legislativo deverá ter 10% reservados para campanhas de prevenção da violência, drogas e Aids, no rádio, TV, jornal, revista e outdoor. É o que prevê o Projeto de Lei apresentado pelo Deputado Distrital Peniel Pacheco no mês de novembro.

Ao destinar esse percentual para campanhas, Peniel espera fazer com que o Estado contribua significativamente para diminuir os malefícios que afetam à sociedade.

Tadeu Roriz
PP

Para melhorar a imagem da Câmara Legislativa junto à população do Distrito Federal, o deputado Tadeu Roriz apresentou Projeto de Lei criando o Programa "Horário Legislativo", na Rádio Cultura FM. A proposição propõe que o programa seja veiculado nos dias úteis, no horário de 22:00 às 22:30 horas, devendo divulgar o dia-a-dia da Câmara Legislativa e ainda os principais tópicos constantes do Diário do Poder Legislativo Local.

Manoel Andrade
PP

Um dos últimos projetos apresentados pelo deputado Manoel de Andrade (PP), o Manoelzinho, neste final de ano estabelece uma pensão especial, a ser paga pelo GDF, para os cônjuges de pessoas assassinadas que foram vítimas de crimes hediondos. A idéia do projeto surgiu a partir da apuração do enorme número de crimes praticados contra os trabalhadores, que deixam suas famílias órfãos e sem fontes de sustentação.

Padre Jonas
PP

Preocupado com a saúde das crianças que frequentam a Rede Oficial de Ensino do Distrito Federal, o Deputado PADRE JONAS apresentou Projeto de Lei que cria nas escolas públicas Postos Médico-Odontológicos para atendimento aos alunos de 1º e 2º Graus. Na justificativa apresentada, Padre JONAS afirma que o acompanhamento médico odontológico de nossas crianças junto às escolas trará diversos benefícios, tanto para elas, como para seus pais, reforçando a integração família-escola, com o Estado garantindo a saúde de nossos futuros dirigentes.

Rose Mary Miranda
PP

No período de janeiro a outubro de 94 ficam suspensos, para os deputados distritais, os serviços gráficos da Câmara Legislativa. Com o projeto a deputada Rose Mary quer evitar que os distritais utilizem a gráfica para impressão de propaganda eleitoral, tais como: santinhos, cartazes, adesivos, etc. Os trabalhos gráficos administrativos da Câmara Legislativa não serão atingidos pelo projeto.

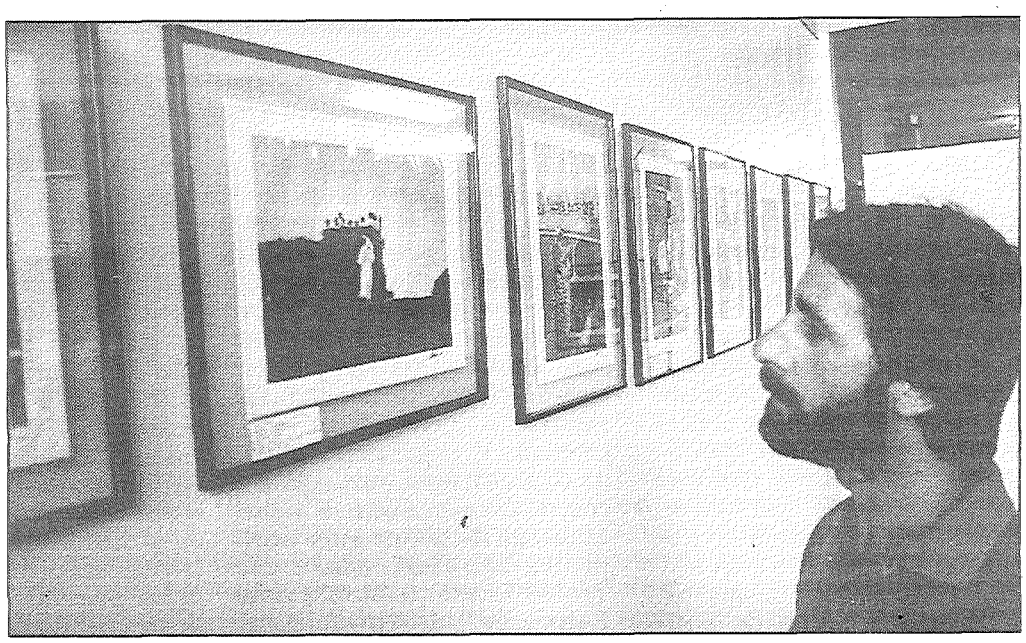
Wasny de Roure
PT

Foi apresentado na última terça-feira, 23, o projeto do dep. Wasny de Roure que autoriza o Poder Executivo a implantar a Colônia Agrícola Sucupira, na Região Administrativa do Núcleo Bandeirante. O projeto visa atender a reivindicação da comunidade que vive e trabalha no local, formada de aproximadamente 150 famílias de agricultores, na maioria posseiros.

Pintura no Espaço de Convivência

Mais uma exposição de pintura desta feita da artista Marta Jabuonski — veio esta semana confirmar a extrema utilidade do Espaço de Convivência, área alternativa instalada no primeiro subsolo da Câmara Legislativa. Por iniciativa da Primeira Secretaria, o Espaço de convivência foi inaugurado em fevereiro deste ano, onde antes era uma garagem. De lá para cá foram organizadas duas exposições, o Encontro da Páscoa, o excelente debate "A saúde física e mental e o stress", além das comemorações pelo Dia Internacional da Mulher, em março.

Com localização estratégica — em frente às agências bancárias, Correios e ASCAL — o ESPAÇO visa, primordialmente, promover atividades sócio-culturais, como define Ieda Rebelo Nasser, chefe do Setor de Assistência Social da Câmara Legislativa e grande incentivadora da idéia. Ieda anuncia para o mês de dezembro a exposição "1968 — A rebeldia na UnB", o resgate do movimento estudantil após 25 anos.



A queda para o alto

Luciana Lemos Saldanha

Passara toda a tarde na expectativa de que o sol se passasse e caísse aquela noite tão esperada por ela.

Massageara os cabelos, perfumara-se com cuidado e colocara aquele vestido branco que havia usado no revéillon a fim de que lhe trouxesse boa sorte. Por baixo, a calcinha de renda branca, pequena e quase vulgar escolhida a dedo num sex-shop, especialmente para aquela noite de loucura, no apartamento de um homem tão desejável. Não esquecera de nada, nem mesmo da gota de perfume entre os seios e os esmalte vermelho sangue nas unhas.

Ele por sua vez passara o fim da tarde tomando providências para a noite. Fiscalizou a limpeza do apartamento, escolheu os lençóis, pôs vinho e champanhe na geladeira e saiu, a fim de buscar uns papelotes de cocaína para que depois de cheirá-los, conseguissem esquecer as regras do bom senso e moral e fossem ao fundo de todas as loucuras.

Conheceram-se numa boite, cerca de dez dias antes desta estrondosa noite e até então, não haviam encontrado outra oportunidade de estarem juntos. Não sabiam nada um do outro, mas suas mentes não paravam de imaginar.

Ela viera do interior há seis anos e já fizera de tudo para se manter, desde trabalhar no comércio até acabar como garçonete daquela boite suja e embora fosse inculta, possuía um corpo moreno de seios fartos e nádegas firmes e volumosas que se roçavam por baixo daquela tanga minúscula com a qual trabalhava. Era, de fato, cabível de enlouquecer aquele homem de 42 anos, culto, rico, mas solitário no seu mundo tão conturbado, onde se escondia atrás das orgias barulhentas e sua frequente bebedeira. Mas era um homem bonito, másculo e desejável para aquela moça de uma vulgaridade até ingênua para seus quase 30 anos.

Ela saiu de seu Kitchnete às 23:00 com seus saltos altíssimos e sua boca carmim e às 23:30 chegou ao endereço dado pelo telefone: Ladeira dos Tabajaras, no mesmo bairro que morava, Copacabana. O porteiro interfonou para o apartamento 901 e uma voz extremamente sensual ordenou que subisse. Quando entrou nc apartamento, ainda tímida, fora recebida com entusiasmo por seu anfitrião e espantou-se com tantas obras de arte, tapetes luxuosos, com suntuosidade do ambiente; algo que ela quase nunca via, mas jurara um dia alcançar, mesmo que de forma não muito honesta posto que por seu pensamento só haveria duas formas de alcançar isso: num casamento com alguém de alta posição ou com a venda de seu cobiçado corpo.

O que realmente mais gostara, fora do som ambiente, da meia luz e do vinho já esperando, atenções nunca recebidas antes. As horas passavam e o papo corria solto e à medida que os copos de vinho iam sendo tomados, aumentavam claramente a desinibição e a excitabilidade daqueles dois, o cabelo já estava solto, a boca sem batom pelos beijos que trocavam, o sapato se perdera e os lençóis no quarto foram esquecidos por ele. Deitou-a no chão, sobre as almofadas e com a boca retirou-lhe a calcinha enquanto ela enfiava suas unhas vermelhas naquelas costas tão desejadas.

Não se sabe como, em meio a toda aquela bebedeira e aquela vontade de tê-la, ele conseguiu lembrar da cocaína que havia comprado. Levantou-se e foi até o quarto onde cheirou alguns papéis. Trouxe os outros para a sala onde ofereceu a ela, que negou dizendo que não gostava daquele tipo de "barato", dizendo que ia embora, já dirigindo-se para a porta. Foi quando ele enlouquecido e com toda a frieza de um homem problemático enlouquecido pela droga e pelo desejo não satisfeito, precipitou-se para ela na intenção de surrar-lhe exatamente como fazia com a esposa já tão longe pelos maus tratos.

Ela correu pelos cômodos e acabou entre o sofá da sala de T.V. e da janela, ameaçando se jogar se ele não parasse. Ele, enlouquecido de ódio, de súbito, a empurrou.

Eram seis horas da manhã quando ele desceu e na sua versão mentirosa, contou ao porteiro que ela era louca e havia se jogado enquanto ele fora ao banheiro urinar.

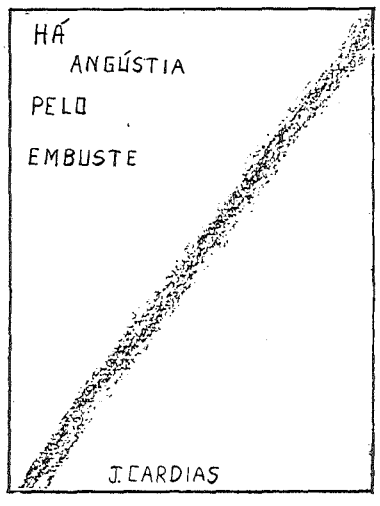
No momento em que o porteiro corria para segurar a curiosidade de outros moradores acordados pelo barulho, ele pegou seu carro e fugiu.

No chão, aquele belo corpo jazia sem vida e o vestido branco do revéillon se misturava com o vermelho sangue que por ironia, ela também usava nos dedos.

No carro, ele corria como louco, fugindo da possibilidade de encontrar a polícia. Parou num sinal e tirou algo do bolso: ele havia trazido a calcinha.

RESENHA

☐ **Lalau o Fantasma do Macuco** — Carlos Moreira Santos — Nascido em Santo André, o autor resolveu realizar o sonho de escrever um livro depois de sofrer sério acidente que não o deixou mais trabalhar. Escolheu então narrar a história do seu próprio pai, mesclando ficção com fatos verídicos. O resultado está nas 192 páginas impressas na Gráfica A Tribuna de Santos, em 1990.



☐ **Há Angústia pelo Embuste** — Poesia, por J. Cardias — professor no Colégio Heitor Lira, no Rio, e funcionário do Departamento de Bacteriologia da Fundação Oswaldo Cruz, este não é o primeiro livro de J. Cardias. Antes, publicou o "Gira de Poesias", em 1989, além de ter sido premiado, em 1987, com o IV Troféu Literário Zumbi dos Palmares, da prefeitura municipal de São Paulo. Rio de Janeiro, 1991.

☐ **Grito, logo existo!** — Coletânea de poesia-protesto, por Nilto Maciel — Dentro da idéia de que a vida não está para sussurros, e muito menos para emudecimentos, Nilto Maciel convidou dezessete poetas a participar de um projeto literário que reuniria poemas de protesto político e social. O resultado aí está, nestes belos poemas que, embora de protesto, não perderam a ternura. Publicação da Revista Literatura, 1992.

☐ **Luta A(R)mada** — Poesia, por Joanyr de Oliveira — para Caludio Feldman, um dos prefaciadores do livro, Joanyr de Oliveira é um dos raríssimos poetas que conseguem associar o cósmico e o social. Luta A(R)mada foi impresso nos Estados Unidos por S.S. Printing & Graphic Design, em janeiro de 1992, com 107 páginas.

☐ **O livro de primeiros socorros** (Jogos e exercícios lúdicos) — Simão de Miranda — Professor de Educação Artística da Fundação Educacional do Distrito Federal, o autor direciona esta publicação aos alfabetizadores, dinamizadores escolares e todos professores de educação artística interessados em fazer uma aula mais dinâmica, como ele mesmo define. 90 páginas editora Thesaurus Asefe, 1991.

RAZÃO CONTRA INSTINTO

A religião na obra de Machado de Assis

□ Jason Tércio

O exercício da dúvida é, a rigor, incompatível com a fé. Esta pressupõe entrega e emoção, aquela exige distanciamento e razão. Na prosa de Machado de Assis temos uma luta permanente entre essas duas forças vitais, a razão e a emoção, que em muitos casos são sinônimos de bem e mal, Deus e Diabo, dúvida e fé.

Para o escritor que rompeu com o catolicismo de sua formação e na maturidade duvidava de tudo e todos, não havia verdades (nem mentiras) absolutas. Cultivou ele um ceticismo metafísico, mas não nihilista ou linearmente pessimista. Pelo contrário: Machado se empenhou como nenhum escritor de seu tempo em apontar nossas fraquezas, nossas ilusões superficiais e nossas tragédias.

Prestes a morrer, recusou a presença de um padre em sua casa, alegando que "seria hipocrisia" da parte dele. Anticlerical sim, mas não ateu, ao contrário do que diz Lucia Miguel Pereira em seu clássico estudo da vida e obra do escritor. É um dos equívocos da autora. Ela afirma que Machado de Assis aos 21 anos, quando começou a escrever no **Diário do Rio** perdera inteiramente "os restos de sua pouca fé". Não é o que se constata no primeiro livro de poemas, **Crisálidas,** publicado em 1864, quando o escritor tinha 25 anos.

Basta citar três poemas desse livro: "O dilúvio" ("E ao som de nossos cânticos/ ao fumo do holocausto/ desaparece a cólera/ do rosto do Senhor"), "Fé" ("No turvo mar da vida/ onde parcéis do crime a alma naufraga/ a derradeira bússola nos seja, / Senhor, tua palavra") e "Caridade" (E tu, ó caridade, ó virgem do Senhor,/ no amoroso seio as crianças tomaste/ e entre beijos — só teus — o pranto lhes secaste/ dando-lhes pão, guarida, amparo, leite e amor").

Machado de Assis foi um agnóstico que buscava o equilíbrio entre a razão e o sentimento, a fé transcendental e a dúvida existencial. Antidogmático, defendia a separação entre a Igreja e o Estado. De seus livros se deduz que era um assíduo leitor da Bíblia. São frequentes as citações, de trechos ou personagens bíblicos, quando não paródias do estilo e dos preceitos contidos na Bíblia. Usou a linguagem da cristandade, especificamente da religião católica, para denunciar seus equívocos. Estranhamente, este é um dos aspectos menos estudados de sua obra.

A ambiguidade da fé

Católicos praticantes, beatos e padres inundam os livros de Machado de Assis, a começar de Lívia, no romance de estréia, sintomaticamente intitulado **Ressurreição.** Também D. Fernanda, de **Quincas Borba,** frequentadora da igreja de Santo Antonio dos Pobres, e para quem "não se deve amar a ninguém como a Deus". Santos, em **Esaú e Jacó**, acredita na promessa do juramento, bem como Perpétua, uma beata. A mãe de Bentinho, em **Dom Casmurro** quer cumprir a promessa de fazer dele um padre.

Nenhum dos personagens machadianos nega Deus. Bentinho é acusado de ser ateu, mas isso por uma Capitu magoada e ofendida pela acusação de adultério. Ele mesmo, ex-seminarista, nunca demonstra isso.

Ressalta-se, porém, que a ambiguidade é uma das características mais notáveis dos personagens de Machado. O dilema deles se dá quando querem ser e não ser ao mesmo tempo. Sem qualquer maniqueismo, a criação machadiana descarna as contradições e a complexidade do espírito humano, relativizando conceitos e realçando os paradoxos da existência. Um vício pode ser uma virtude, dependendo do fim almejado. No final de **A Mão e a Luva**, Guiomar e Luis Alves, unidos num casamento de interesses, afirmam que a ambição não é defeito, é virtude. Quincas Borba, em **Memórias Póstumas de Brás Cubas,** considera a inveja uma virtude, por ser uma "admiração que luta, e sendo a luta a grande função do gênero humano, todos os sentimentos belicosos são os mais adequados à sua felicidade". Nesse mesmo livro o personagem-narrador afirma, com humor, que "o vício é muitas vezes o estrume da virtude".

Esse jogo de contrastes, em que tudo é e não é, pode deixar no leitor distraído uma impressão de amoralidade, como se o escritor e seus personagens apenas expusessem a realidade da natureza humana, sem nenhuma intenção de emitir juízo de valor. Se analisarmos sua obra com atenção e cuidado descobrimos, pelo contrário, que Machado de Assis faz uma profunda condenação dos defeitos humanos — a hipocrisia, a vaidade, o egoísmo, a inveja, a ganância, a religiosidade como aparência social. São vícios entranhados na moral burguesa representada por seus personagens.

Os homens e mulheres machadianos vivem dominados por três obsessões: amor, dinheiro e poder, arquétipos universais. Todos nós desejamos ou precisamos pelo menos dos dois primeiros elementos. Mas em Machado o amor é geralmente correlacionado a ascensão social e o dinheiro é um instrumento de poder.

Com essa ética utilitária, os personagens se debatem numa cadeia de dilemas insolúveis. Lutam para mudar seus destinos, mas ao consegui-lo se anulam, se mutilam, ou simplesmente se autodestroem. Não há saídas sem contradições e paradoxos.

Os conflitos estão impregnados de valores religiosos, como predestinação, pecado e culpa, ascetismo, castidade e redenção, devoção e fé. São atributos não exclusivos do cristianismo, encontrando-se em religiões anteriores e até nas mitologias da Antiguidade, mas que deixaram marcas profundas na cultura ocidental a partir da doutrina cristã. Em Machado, a civilização cristã está em permanente conflito com o instinto amoroso.

Labirintos de paixões

Lívia, no primeiro romance de Machado, exprime sua crença na predestinação ao rejeitar Meneses ("Deus não nos fez para que o amor nos unisse") e Felix ("O destino ou a natureza não nos fez um para o outro"). A solteirona Dona Tonica, em **Quincas Borba,** é uma devota de Nossa Senhora da Conceição, mas sua idéia de predestinação está vinculada a interesses pessoais e afetivos, como ao referir-se a Rubião: "Esse mineiro rico era destinado pelo céu a resolver o problema do matrimônio". Em **Esaú e Jacó**, a paródia bíblica começa no título, e o mote de toda a história é a suposta predestinação de Pedro e Paulo, irmãos gêmeos que, como seus modelos bíblicos, estariam destinados a cumprir um futuro grandioso.

Adultério, tema recorrente na obra de Machado de Assis, é geralmente visto como pecado e punido. O patético Felix teme perder a liberdade se casar com Lívia mas só desiste do projeto ao suspeitar que a viúva poderá traí-lo, como denuncia uma carta anônima. No mesmo **Ressurreição**, Luis Batista considera-se "pecador miserável" por trair a mulher constantemente. E Felix "confessa" seu arrependimento por ter desconfiado de Lívia e lhe implora "perdão da culpa que cometera". Aliás, este é o romance mais casto de Machado.

Em **Iaiá Garcia,** Estela receia gostar de Jorge, sendo casada, e transforma-se numa adúltera. "Teria as lutas e as primeiras dissimulações; uma vez subjugada, iria direito ao mal". Em **Quincas Borba,** Rubião reflete "Mas que pecado é este que me persegue? (...) Que tentações são estas?", por gostar de Sofia, mulher de seu amigo Palha. Rubião ouvia "a guitarra do pecado, tangida pelos dedos de Sofia". Em **Dom Casmurro** o suposto adultério de Capitu é considerado não só pecado; motiva Bentinho a rejeitar a paternidade de seu filho.

Uma exceção é Virgilia, de **Memórias Póstumas.**

Apesar de católica, frequentadora de missas, ela trai o marido sem nenhuma culpa, e nunca é descoberta. Mas seu amante, Brás Cubas, demonstra conflitos intensos. Nos capítulos "É minha!" e "O embrulho misterioso" há uma curiosa metáfora de sua relação com Virgilia. O título do primeiro capítulo refere-se tanto à conquista consumada quanto ao achado de uma moeda de ouro no chão. A consciência de Brás Cubas lhe diz que não deve ficar com a moeda e ele a envia para a polícia. No capítulo seguinte ele encontra um embrulho com muito dinheiro e guarda para si. Ou seja: a mulher é de outro, mas ao mesmo tempo é dele; amá-la implica uma parcela de culpa, criada pelas leis sociais.

Pecado, culpa, arrependimento, confissão — dogmas do cristianismo que se completam com a punição, e não só de adultério.

Em **Dom Casmurro** a punição vem com a morte de Ezequiel, o filho de Capitu e Bentinho que ele suspeita do amigo. Morre de febre tifóide em Jerusalém, cidade cuja destruição foi prevista pelo profeta homônimo. Felix, o cético, não consegue dar sequência ao seu processo de ressurreição moral e permance um ser nulo, solitário, sepulto.

Quincas Borba, o herege, criador do Humanitismo, a "religião do futuro", morre louco, assim como seu discípulo Rubião, que cobiçara, em vão, a mulher do amigo Palha. O alienista Simão Bacamarte ousa fazer em seu sanatório a separação de "governo temporal e governo espiritual", cai vítima de seu próprio cientificismo e racionalismo, internando-se no hospício. Em suma, a transgressão das leis naturais, das leis divinas ou das leis sociais tem um preço alto inevitável.

A ambição, tema tão caro a Machado, é uma virtude mas também um vício destruidor, se levada às últimas consequências, se tornar-se um fim em si mesma. Em qualquer caso, o burguês concilia ambição com fé em Deus. Para Rubião, a herança deixada por Quincas Borba é "um sonho que Deus Nosso Senhor lhe dava", e ele agradece a Providência, prometendo missas, "dez missas", porque "Deus não falta a quem promete". Bentinho garoto também promete "rezar mil padre-nossos e mil ave-marias", mas, paradoxalmente, desde que não vá para o seminário, ficando livre para realizar sua verdadeira ambição: ficar com Capitu, mas por quem vai se considerar traído.

Ainda no romance **Quincas Borba,** Palha cultiva sua religiosidade afinada com ambições materiais, e sociais. Um passeio pela Europa depende mais "da vontade de Deus", porque "a Divina Providência é que manda o melhor". Sua prática de vida é pródiga em valores anticristãos: ele é egoísta, hipócrita, vaidoso. A religião, portanto, em Machado de Assis, na maioria de seus personagens, é um verniz que não encobre uma essência abjeta.

Isso fica bem nítido em **Memórias Póstumas**, o romance mais amargo desse escritor. É um livro com cheiro de formol, mistura de hospital e cemitério. E o único texto machadiano em que o adultério fica explícito e não traz prejuízo moral a seus protagonistas. A adúltera Virgilia é uma católica praticante que "rezava todas as noites, com fervor, ou, pelo menos, com sono".

Aparentemente, Machado não nega a religiosidade como fator humano fundamental, mas condena o uso que as pessoas fazem da religião. Evidências não faltam, sobretudo em **Dom Casmurro.** A hipocrisia dos devotos está bem caracterizada em José Dias, para quem "Deus é dono de tudo; ele é, por si, a terra e o céu, o passado, o presente e o futuro", elogia e frequenta a igreja mas é de fato um parasita, bajulador, intrigante e venal. A vaidade da pompa do ritual religioso está expressa na cena da procissão, em que José Dias disputa com Pádua o status de carregar o pálio. Capitu ironiza os parâmentos dizendo a Bentinho "melhor que padre só cônego, por causa das meias roxas. O roxo é uma cor muito bonita". Bentinho compara Deus (Jeová) ao banqueiro Rothschild (na época o principal credor da dívida externa brasileira), só que Deus é "muito mais humano (...), perdoa as dívidas integralmente". Como se não bastasse, Bentinho proclama que na vida todos exercem a prática simultânea de pecados e virtudes.

Outra crítica contundente à fragilidade de certos valores religiosos está em **Memórias Póstumas**, quando um cônego aparentando "austeridade e pureza" é caracterizado como "espírito medíocre" que vê apenas o lado superficial da igreja, "a hierarquia, as preeminências, as sobrepelizes, as circunflexões".

Relatividade dos valores

A obra de Machado está sempre nos dizendo que não basta cultivar e cultuar a ética cristã. Uma doutrina moral baseada somente na relação do homem com Deus é insuficiente para aperfeiçoar e redimir a humanidade. Essa ética deve nortear a relação do homem com seu próprio semelhante. O escritor enfatiza tal idéia em diversos contos que ferem tabus eclesiásticos e valores religiosos absolutos.

Em **A Igreja do Diabo** há uma inversão de papéis, os vícios tornam-se virtudes, mas os fiéis desviam-se dos preceitos diabólicos e o que é virtude é visto como vício pelo Diabo. Em **O Enfermeiro** a ironia é total: um ex-secretário de padre mata um velho doente a quem servia como enfermeiro e, mesmo não sendo religioso, manda rezar uma missa pelo defunto e descobre depois que fora nomeado herdeiro da fortuna do velho. No **Manuscrito de um Sacristão** um padre se apaixona pela prima, sem consumar a relação. Em **Adão e Eva** um personagem afirma que foi o Diabo quem criou o mundo, Deus apenas consertou a obra, e esta é a nova versão narrada. Em **O Cônego** o personagem-título está preocupado com o estilo do sermão que redige, não com as idéias que deveria transmitir.

Entre Santos é um diálogo entre São Francisco de Sales, São João Batista, São José e São Miguel dentro de uma igreja, sobre os devotos que vão lhes pedir ajuda, tudo num tom sarcástico e cético.

Depreende-se que bem e mal, certo e errado são conceitos limitados e relativos demais, duas faces de uma mesma moeda, que não alteram a condição tragicômica do ser humano. A fé pura é uma ingenuidade, enquanto a razão iluminista da sociedade organizada é incapaz de absorver, assimilar e iluminar os mistérios da existência.

Aí está o caráter moderno e universal da obra machadiana. Seus heróis, ao romperem a barreira do pensamento autoritário e dogmático, se chocam com o meio social e nunca escapam ilesos. Temos instinto contra razão, representada pela sociedade e sua ordem montada racionalmente, suas instituições e ideologias sacramentadas. Félix é um rebelde em sua desilusão, prefere "não obedecer as paixões, mas aborrecê-las ou sufocá-las". Sua liberdade individual vale mais que as regras estabelecidas, nas quais não acredita.

Em contraposição, Estela, de **Iaiá Garcia** reprime o amor tardio que nota despertando por Jorge, uma vez que é casada. Frei Simão, do conto homônimo, entra para o convento não por vocação, mas por uma frustração amorosa, e fica louco ao rever na igreja sua antiga paixão, que lhe foi negada por decisão do pai, considerando-a inferior socialmente. Bentinho faz tudo para não entrar no seminário, comentendo até o "pecado" de desejar a morte da mãe que prometeu a Deus fazê-lo padre. No conto **O Caso da Vara** Damião foge do seminário e na casa de sua protetora ele vira cúmplice do espancamento de uma simpática e frágil escrava, de quem sentia pena, mas não queria contrariar a dona da casa que o "salvara".

Quando o instinto vence a razão, o resultado é trágico. A tragédia de Felix é sua morte em vida, sua solidão sem fim. Rubião torna-se um capitalista mas não tem o espírito que move o capitalismo, a acumulação e a volúpia do lucro; ele precisa mais de amor que de dinheiro, e ao descobrir isso, perseguindo o primeiro, perde o segundo e a própria lucidez. Brás Cubas não cumpre nenhum dos desígnios da sociedade, tornando-se um morto-vivo, ou um vivo-morto.

Neste sentido, os personagens machadianos são virtualmente perdedores, derrotados sociais e existenciais. Na busca de dinheiro, amor e poder, violam a ética cristã que proclam. Se condenam o utilitarismo das relações humanas, isolam-se, anulam-se, como Luis Garcia, Dom Casmurro, Felix, Jorge, Estevão, Estela, Bras Cubas etc. Praticam suicídio moral. É a impossibilidade de, ao mesmo tempo, ser e não ser, ter e não ter. A vida é uma quimera e Deus um brinquedo nas mãos dos homens, que o utilizam de acordo com suas conveniências.

Muitos seminários brasileiros proibiram que seus livros fossem lidos pelos alunos, vendo em Machado um ateu, um herege. Mas a sua desesperança, o seu ceticismo e a sua ferina crítica à inconsistência dos dogmas da Igreja representam um espelho no qual todos devemos nos olhar. Pode ser o caminho para dignificar o gênero humano, para que este possa, no mínimo, tornar-se mais consciente de seus próprios absurdos.

□ Jason Tércio - Jornalista e escritor. Autor do romance "Pão de queijo em Hyde Park" (Achiamé, Rio, 1990), contos e uma peça teatral premiados, além de poemas. Faz mestrado em Literatura Brasileira na UnB

O caso Bernardo Guimarães

Bernardo Guimarães (1825 — 1884), o consagrado autor de "Escrava Isaura, "O Seminarista" e o "Ermitão de Muquém", foi Juiz Municipal da cidade de Catalão em Goiás. Neste artigo o mestre historiador Luís Palacin relata a tumultuosa passagem de Guimarães por Catalão, de que resultou aceso debate na Imprensa Nacional e a queda do Presidente da Província

Luís Palacin
Universidade Federal de Goiás

Bernardo Guimarães (1825-1884), recém-formado em direito em São Paulo (1851), iniciara sua carreira como Juiz Municipal e de Órfãos em Catalão-Goiás. Não existindo estudos jurídicos em Goiás, os juízes formados deviam ser atraídos de outras províncias. Dadas as distâncias e as dificuldades de vida em lugares tão remotos, estes juízes eram com freqüência homens irrequietos, aventureiros, problematizados por motivos políticos, sentimentais ou de carreira. Bernardo permaneceu no cargo por dois anos (1852-1854), partindo para o Rio para tentar a vida literária, que então iniciava com a publicação de seu primeiro livro, Contos da Solidão (1852).

Era o tipo acabado do escritor boêmio da imaginária romântica: vivendo para a arte e para o prazer, livre em seus costumes, amante do vinho, da música e das mulheres. Ricardo Paranhos, que não chegou a conhecê-lo pessoalmente, traçou seu perfil fascinante. Neste retrato moral o absoluto desprezo do escritor pelas convenções sociais, pela opinião dos outros, pelo cálculo de vantagens econômicas ou políticas, lhe conferem uma certa grandeza muito próxima de um total niilismo.

Na realidade, porém, Bernardo Guimarães em seu conflito com as autoridades em Catalão, demonstrou qualidades diametralmente opostas: previsão, constância, determinação férrea de lutar até o fim.

Quando em março de 1861 Bernardo retornava a Catalão para desempenhar de novo o cargo de Juiz Municipal, encontrou-se com uma situação radicalizada: o Juiz da Comarca — constituída pelos Municípios de Catalão e Santa Cruz —, Dr. Virgínio Henriques Costa, era um pernambucano enérgico, que ao assumir a comarca do Paranaíba em 1858 se entendera perfeitamente com o Presidente da Província, Dr. Gama Cerqueira, no seu propósito de extirpar a violência de Catalão, que se lhes representava como primitiva — causado pelo despotismo irracional dos coronéis — e intolerável para o bom andamento da Província. Os moradores do lugar, porém, para os quais um certo grau de violência fazia parte do cotidiano habitual, tiveram por descabidas as intenções e especialmente as medidas do Presidente e do Juiz.

Para acabar, segundo dizia, com a raiz da violência, o Juiz se julgou chamado a derrubar o chefe político local, o coronel Roque Alves de Azevedo. Com o aval do Presidente, o Juiz recorreu aos métodos tradicionais: montou "o funcionalismo à medida de seus desejos. Jüízes municipais, substitutos, delegados, subdelegados, juízes de paz, escrivães, tudo foi escolhido entre os homens da sequela do Dr. Virgínio".

De acordo com a intepretação de Bernardo Guimarães na polêmica que se seguiu, o Juiz não agia assim por puro amor à Justiça, mas movido por um ciúme pessoal da influência do coronel: "A bem merecida popularidade de que aqui goza o coronel Roque Alves de Azevedo, a benéfica e legítima influência que exerce sobre o espírito público causaram ciúmes ao Juiz pretencioso... Derrubar essa influência e sobre as ruínas dela fundar a sua própria foi o desejo... e para isso não recuou de meio algum".

Não se tratava de uma oposição política, como hoje seríamos levados a pensar, pois em Goiás não tinha entrado ainda a comichão partidária: "não era por ideais políticos que pugnava, pois não há por aqui partidos políticos; o Município de Catalão sempre foi conservador; todos os candidatos eram conservadores, era simples capricho..."

Na voz de seus adversários, o Juiz em vez de diminuir a violência, só conseguiu arruinar a cidade: "Há cerca de 4 para 5 anos o Catalão prosperava, era talvez a população mais importante do sul da província por sua população, comércio e riqueza. Dessa data em diante começou a definhar a olhos vistos, como um torrão amaldiçoado, por onde passara a peste ou a fome. A inalterável bonomia antes que reinava entre todos os seus habitantes, converteu-se em cizania, em dissensão, em intrigas continuamente fomentadas que foram tomando caráter cada vez mais assustador. Muitas famílias emigraram... o comércio acanhou-se, a produção diminuiu consideravelmente. Hoje se não fosse algumas praças ali destacadas e algumas poucas pes-

As eleições de 1860 demonstraram a inutilidade de todas as maquinações do Juiz. O partido do coronel Roque ganhou todos os postos municipais. No partido Canella do Juiz "apesar de ter por si o oficialismo, a sua derrota foi completa".

Mas o Juiz não era o tipo do perdedor passivo ou conformado; "as influências legítimas das localidades em que este capitão-mor burlesco exerce jurisdição ou hão de prestar-lhe homenagem ou ele as esmaga com a sua autoridade". De fato, o Dr. Virgínio encontrou um resquício legal para sua vinganças: "... um absurdo processo de sedição colheu um considerável número de cidadãos honestos daquela cidade. Foram pronunciados, perseguidos, alguns presos". Sempre protelando o julgamento, os presos se consumiam na cadeia sem que o júri fosse convocado.

Tal era a situação da cidade, ao assumir Bernardo Guimarães o cargo de Juiz Municipal por segunda vez, em maio de 1861. Menosprezando os adversários, o Dr. Virgínio pediu licença e foi substituído pelo Juiz Municipal.

No exercício do cargo, Bernardo foi incrivelmente ativo: convocou, imediatamente, o júri, deixou correr os prazos legais, presidiu a sessão e os onze presos foram absolvidos.

A Câmara, dizendo-se representante da cidade inteira, dirigiu um ofício ao Dr. Bernardo Guimarães, felicitando-se por sua nomeação, e agradecendo-lhe pelo júri: "Ilmo. Sr. A Câmara Municipal desta cidade, fiel ao mandato popular vem felicitar V. S. pela feliz aquisição que acaba de obter este município com a nomeação que S.M, o Imperador houve por bem fazer nomeando V.S. para o importante cargo de juiz municipal e de órfãos do termo desta cidade".

Inversamente, a notícia do júri explodiu junto ao Juiz, e o governador Alencastre seu aliado, como uma aberração da anarquia e uma declaração de guerra. Há indícios que permitem deduzir que seu primeiro impulso foi declarar o júri nulo em virtude de alguma falha legal, mas não encontrando base jurídica suficiente, partiram para outro tipo de revide.

Encetaram uma campanha, até de ordem nacional, tratando de desmoralizar o júri e seu Presidente.

Num artigo do mês de agosto, oriundo de Santa Cruz, publicado na Imprensa Goiana atacava-se ao júri e ao Dr. Guimarães, questionando sua legitimidade. A 27 de outubro, uma correspondência publicada no Jornal do Comércio do Rio insistia em apresentar o júri como um ato de leviandade do Juiz Substituto Bernardo Guimarães e um triunfo dos homens prepotentes e violentos do lugar; ao mesmo tempo destacavam-se as providências tomadas pelo "jovem governador" para

proteger a ordem e conter a violência: "Continuam os assassinatos na comarca do Rio Paranaíba — dizia o artigo. São consequências do jubileu que abriu no Catalão o Juiz Municipal Bernardo Joaquim da Silva Guimarães. Felizmente para lá seguiu o Capitão Rufino com uma força respeitável..."

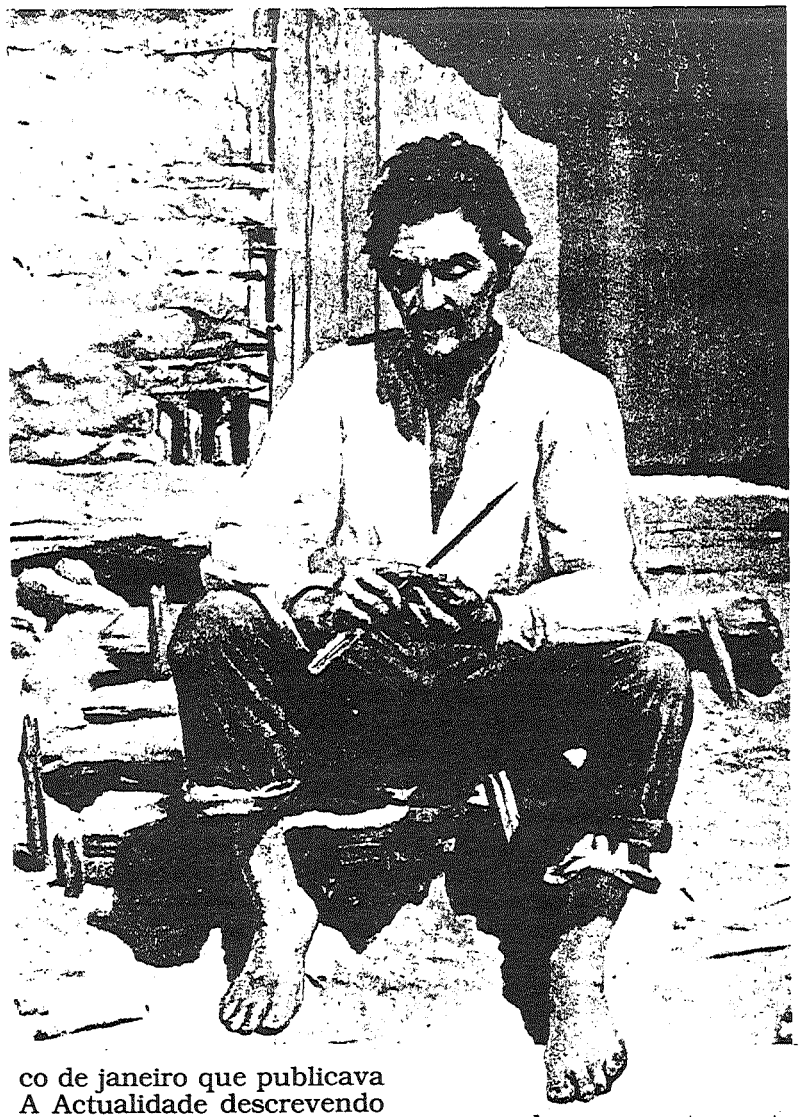
Este e outros artigos publicados no Jornal do Comércio eram atribuídos ao próprio governador — neles caracterizado como jovem, ativo, destemido, irredutível campeão da justiça e da ordem. Encontra-se um apoio sólido à atribuição no mote irônico com que foi qualificado o júri de jubileu, pois é a mesma expressão com que o Presidente se refere ao júri no relatório sobre o estado da Província que deixou a seu sucessor.

Mas o Juiz e o Governador não podiam prever a campanha em que se embarcavam: o extraordinário poder de fogo do obscuro Juiz Municipal. Antigo colaborador de A Actualidade, um dos jornais de maior difusão do país, Bernardo conseguiu que entre outubro de 1861 e maio de 1862 fossem publicados dezoito artigos neste diário, uns dramáticos, outros irônicos, mas sempre martelando sobre as arbitrariedades do Juiz e do Governador.

De fato, a medida básica, e intimidatória, tomada pelo governo contra os rebeldes de Catalão foi saturar a cidade e a região, de força policial, ao mesmo tempo em que o Juiz retomava apressadamente sua jurisdição.

Os catalanos, porém, não esperaram passivamente a chegada do Juiz e da força: num lance audaz, um grupo de cidadãos apresentou ao Juiz Bernardo uma denúncia contra o Dr. Virgínio acusando-o de ter criado um tumulto para retirar um preso das mãos do delegado: "Ameaçados por um inimigo já bem conhecido, alguns cidadãos quiseram desviar a tormenta. O juiz de Direito era criminoso por sedição e por tirada de presos do poder da justiça. Denunciaram-no ao Juiz Municipal, que pronunciou-o nos artigos 11 e 121 do código criminal". O Juiz passava assim de acusador a acusado. Seis cidadãos juraram como testemunhas ter presenciado o fato.

O Presidente, ao ter conhecimento do processo contra o Juiz, "lavrou portaria de suspensão contra o juiz municipal"; enviou uma força policial e o próprio Chefe da Polícia da Província, Dr. Jubé, mandou abrir, de acordo com o Juiz, vários processos de responsabilidade contra Bernardo Guimarães. Havia, certamente, uma nota de exagero retórico na denúncia de cinco de janeiro que publicava A Actualidade descrevendo a entrada do ano em Catalão: "A primeira aurora do ano novo despontou malagourenta para o infeliz povo de Catalão, a quem encontrou gemendo sob o peso da mais injustificável opressão... A Comarca do Paranaíba está sendo tratada como uma Província rebelada, ou como uma região que acaba de ser submetida à espada de um conquistador bárbaro. O regime colonial está ainda em pleno vigor na província de Goyaz; a Constituição por aqui parece que ainda não foi promulgada; a primeira autoridade da Província só reconhece como lei sua vontade; os outros agentes do poder não conhecem outro dever que não seja a mais passiva obediência". Mas de fato, a ostentação de força e autoridade era desproporcionada e ominosa: "no Catalão, no meio de uma população submissa e amedrontada um exército de 70 ou 80 praças, dois capitães, um tenente e o chefe de polícia, em uma lida incessante de recrutamento, de processos, de denúncias, de inquéritos clandestinos, de sumários atropelados, e de prisões arbitrárias!"



O Chefe de Polícia fazia seu inquérito particular, tratando de anular as acusações contra o Juiz; a força militar estacionada na cidade, e duas patrulhas volantes percorrendo o Município com plena autonomia de revistar e prender suspeitos, tinham por função, segundo se dizia, reprimir os crimes e proceder ao recrutamento militar. O recrutamento, como é sabido, podia constituir-se num castigo e chegar a representar uma calamidade pública. "O recrutamento aqui foi uma verdadeira caçada de homens; atropelou-se toda a agente e dispersou-se a população por um modo que trará grandes padecimentos à lavoura e carestia de gêneros no decurso do ano".

Outra medida, interpretada em Catalão como vingança do Juiz, foi a separação do distrito de Vai-Vem constituindo-o município independente, quando não possuía condições legais mínimas.

Mas Bernardo Guimarães continuava intemerato sua campanha em A Actualidade: só em janeiro foram publicados cinco artigos sobre os acontecimentos da Catalão.

Tanta insistência acabou produzindo resultados: nos primeiros dias de fevereiro chegou a Catalão a notícia de exoneração do presidente Alencastre. "Foi aqui recebida com geral aplauso e com grandes demonstrações de regozijo a notícia que nos veio pelo Correio último da exoneração do sr. Pereira de Alencastre... Era muito natural que este povo se alegrasse com a retirada de um administrador que parecia ter por missão única e especial de seu governo oprimir e esmagar o Catalão".

Embora o presidente continuasse no cargo até junho, esperando seu sucessor, e tentasse até o último minuto o pronunciamento de Bernardo Guimarães, o resultado já estava, de fato, decidido: repetia-se mais uma vez o encontro de Davi e Golias, o obscuro Juiz Municipal derrotava o Presidente e o Juiz da Comarca; a funda, desta vez porém, era o novo poder da imprensa.

Não é fácil para nós chegar até a realidade através dos estereótipos da polêmica, grotescos por natureza. Corrigido, contudo, o excesso deve corresponder à verdade, o tipo do Presidente e do Juiz, que se colige dos fatos e comentários dia-a-dia transmitidos por A Actualidade. O Presidente, um jovem arrogante, sem experiência mas cheio de presunção, que chega a uma provícia remota, a quem se dignará conduzir pelo caminho da civilização. Para isso deve desconfiar dos homens do lugar e manter um pulso firme, "fazendo sobressair unicamente o princípio de autoridade com três palavras — posso-quero-e mando". Irritam-lhe, e os despreza, os trâmites legais. Não sabemos se sua remoção se deveu às incidências da vida partidária, ou principalmente à deterioração de sua imagem política; o que sim é certo é que quando quatro anos mais tarde foi proposto para Presidente de Alagoas houve um longo debate na Câmara tratando de impedir sua nomeação em virtude das irregularidades cometidas no seu governo em Goiás, e especialmente no caso de Catalão.

O Juiz Virgínio, igualmente removido da raiz dos sucessos de Catalão, ao ser mais tarde, proposto para sua promoção a desembargador, o imperador se recusou se antes não se justificasse das acusações contra ele levantadas em Catalão, o que nunca conseguiu fazer.

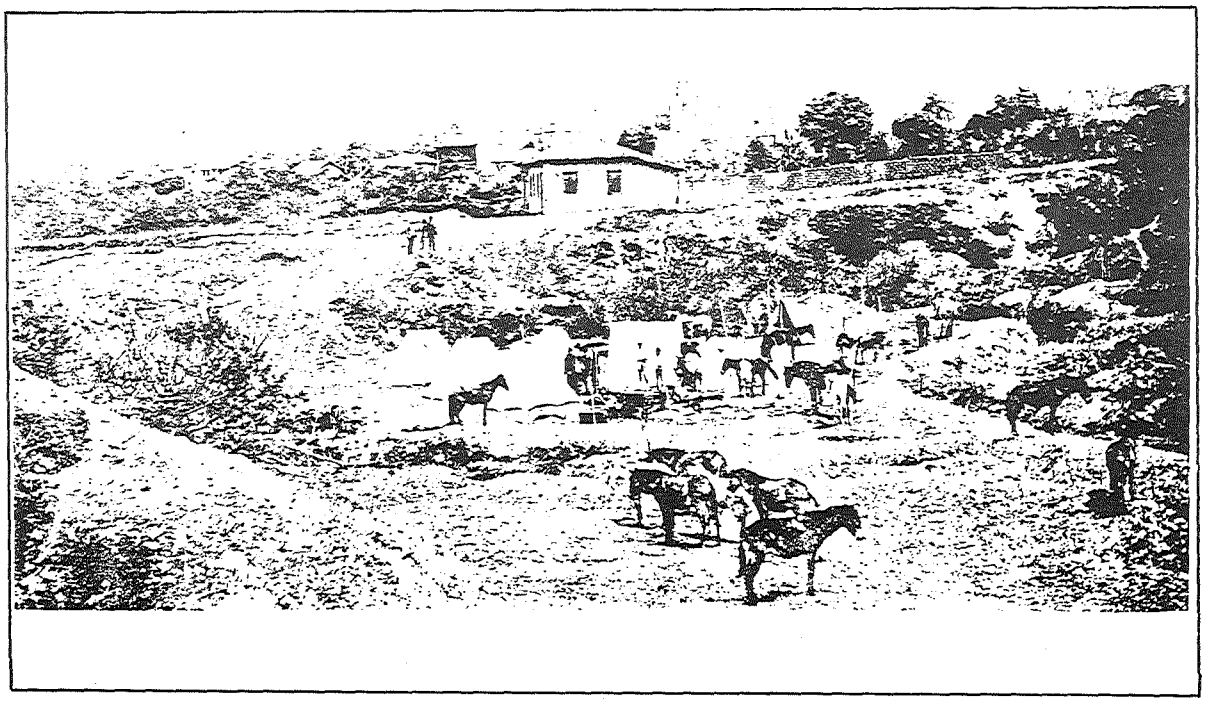
E quanto a Bernardo Guimarães, saiu do caso quase canonizado na sua aura de boemia romântica. Julgado mediante denúncia anônima como incurso no art. 166 do código criminal — irregularidade de conduta —, ele quis assumir a própria defesa. Numa peça literária de notável beleza, confessou-se réu diante das convenções sociais, mas não pecador diante da natureza humana: "O denunciante do respondente, seja ele quem for, não contente de esmerilhar a vida pública do Juiz e de lançar mão de quanta futilidade encontrou para vexá-lo com acusações infundadas ou irrisórias, ainda vai com mão profana sondar sua vida particular, esquadrinhar qualquer pequena fraqueza, inclinar talvez seu ouvido aos mexericos de maledicências, e lançar mão de difamação perante os tribunais para ver se assim consegue de todo esmagá-lo. Mísero expediente e só digno de almas ignóbeis. O respondente não se inculcará, por certo, como um modelo de sobriedade e regularidade de conduta. Solteiro, e não tendo chegado ao inverno da vida, ainda não se resignou a viver a vida de cenobita, nem renunciou aos prazeres do mundo. Por isso mesmo que é de temperamento melancólico, folga de envolver-se na alegria dos festins, ama os prazeres da mesa e do vinho, a dança e as mulheres, a música e toda espécie de regozijos, que soem suavizar as amarguras desta vida ingrata e árida. Mas ninguém provará que prorrompesse com excessos escandalosos, nem que corresse após os prazeres dos festins com menoscabo do desempenho consciencioso de seus deveres. Se o respondente é inclinado aos prazeres, é porque é homem, e acha-se por isso sujeito a uma das condições da humanidade, que sofre bem poucas exceções. O próprio denunciante, se não é uma anacoreta, o que não é de crer, não estará sujeito a essas fraquezas da humanidade? Alguns documentos, que o respondente tem de oferecer em apoio de sua alegações serão apresentados oportunamente. Assim tenho respondido. Catalão 31 de janeiro de 1862. O Juiz Municipal e de Órfãos do termo de Catalão. Bernardo Joaquim da Silva Guimarães".

Absolvido dos cargos, Bernardo Guimarães dois anos depois partia para o Rio. O novo Presidente da província, General Couto Magalhães, antigo companheiro de Bernardo na Escola de Direito, em trânsito por Catalão, aconselhou o coronel Antônio Paranhos, íntimo amigo do Bernardo, que o levasse para o Rio. Deixava assim a carreira judicial, para a qual não fora feito, para alcançar a glória na carreira das letras.

Mas Bernardo sempre conservou uma saudade profunda dos tempos de Catalão: dos amigos, da terra, das pescarias no Paranaíba. Ao padre Luiz Antônio da Costa, seu amigo de seresta, escreveu-lhe: "Faço-lhe presente do violão e peço que o conserve sempre como uma lembrança. Você não sabe executá-lo; mas o pendure, à semelhança de uma harpa eólia, num dos galhos da frondosa laranjeira a cuja sombra passávamos, a miúde, horas e horas, em agradáveis palestras e a bebericar pinga de Pacaratu. Quando as brisas vespertinas se lhe deslizarem suavemente pelas cordas, tirando-lhe vagos sons gementes, recorde-se do amigo que não o esquece um só momento".

A grande riqueza do DF

Gustavo Souto Maior



Quanto à minha opinião, formada desde já, é com a mais solida e franca convicção que vos declaro que é perfeita a salubridade desta vasta planicie, que não conheço no Brazil Central logar algum que se lhe possa comparar em bondade. A esta qualidade primordial do Planalto, convém acrescentar a abundancia dos mananciaes d'água pura, dos rios caudalosos cujas águas podem chegar facilmente às extensas collinas que nas proximidades, se vão elevando com declives suavissimmos..a flora riquissima, com um cunho ou physionomia de todo particular pela uniformidade, caracter geral impresso pela regularidade das condições climatologicas do ambiente que habita...Nutrimos pois a convicção de que a zona demarcada apresenta a maior somma de condicções favoráveis possíveis de se realisar, e próprias para n'ella edificar-se uma grande Capital, que gozará de um clima temperado e sadio, abastecida com águas potáveis abundantes, situada em região cujos terrenos, convenientemente tratados prestar-se-hão às mais importantes culturas...

Esses são alguns trechos da introdução do Relatório da Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil, mais conhecida como Comissão Cruls, em homenagem ao seu chefe, o astrônomo belga Luiz Cruls. A Comissão Cruls, instituída para pesquisar e delimitar a área onde deveria se estabelecer a futura Capital do Brasil, atendendo determinação da Constituição Federal de 1891, percorreu, durante os anos de 1892 e 1893, mais de quatro mil quilômetros no Planalto Central. Foi realizado um levantamento minucioso sobre a topografia, clima, geologia, fauna, flora, recursos minerais e outros aspectos da região. Quem conhece oRelatório sabe da importância de suas informações e análises, da dedicação e beleza de sua elaboração. A Comissão, composta por 8 especialistas e mais 14 ajudantes, demarcou, estudou, analisou e fotografou um quadrilátero de 14.400 km2, reservado para o futuro Distrito Federal.

Em 1954, já com o objetivo específico de selecionar o melhor sítio para abrigar a futura Capital, foi elaborado o Relatório Técnico sobre a Nova Capital da República, o Relatório Belcher. Este trabalho, feito pela firma americana Donald J. Belcher and Associates, utilizou as mais modernas técnicas de engenharia disponíveis na época, principalmente a fotointerpretação, e estudou diversas alternativas de localização para Brasília. Trata-se de um diagnóstico detalhado do território, incluindo topografia, geologia, drenagem, solos para engenharia, solos para agricultura e utilização da terra.

Portanto, do ponto de vista dos estudos relacionados com aspectos ambientais, o Distrito Federal é privilegiado. É a única unidade da Federação que foi objeto de estudos prévios para definir-se a sua melhor localização, estudos esses que remontam ao século passado. É claro, porém, que ambos os trabalhos devem ser analisados dentro do contexto do avanço técnico da época em que foram realizados.

O privilégio se reflete em outro dado de suma importância: o Distrito Federal possui quase 45 por cento do seu território ocupado por Unidades de Conservação e outras áreas protegidas, legalmente decretadas. Sem dúvida alguma, essa é uma das maiores riquezas do Distrito Federal. Só a título de exemplo do que isso representa, já foram catalogadas cerca de 250 espécies de orquídeas em Unidades de Conservação do DF, sobretudo na Reserva Ecológica do Guará. Na Amazônia, com uma área quase mil vezes maior que o DF, conhece-se pouco mais de 300 espécies de orquídeas. A nossa flora é rica e variada, e tem um enorme potencial econômico. São espécies medicinais, ornamentais, forrageiras, apícolas, produtoras de madeira, cortiça, material para artesanato etc. Segundo pesquisadores do IBGE, 1 em cada 3 espécies encontradas na Área de Proteção Ambiental do Rio São Bartolomeu, que possui cerca de 1.700 espécies de plantas vasculares, é utilizada de alguma forma pelos moradores da região. Quanto à riqueza faunística, os números também são expressivos: 250 espécies de aves e mais de 90 espécies de libélulas apenas nos 1.260 hectares da Reserva Ecológica do IBGE, 430 espécies de aves e cerca de 150 de peixes em todo o DF. O percentual de áreas protegidas no DF ainda é mais significativo, quando sabemos que apenas 1,6 por cento da região dos Cerrados é formado por Unidades de Conservação já instituídas oficialmente. E essa questão se torna dramática, quando se tem conhecimento que cerca de 300 espécies animais e vegetais desaparecem todos os dias no mundo, por força da ação do homem.

Neste ponto deve-se destacar algo fundamental: a criação de Unidades de Conservação e de outras áreas protegidas está intimamente relacionada com a manutenção e melhoria da qualidade de vida no DF, e com a preservação daquelas características do Planalto Central apontadas pela Comissão Cruls e ratificadas no Relatório Belcher. Conservar, como o dicionário nos ensina, significa resguardar de dano, deterioração, e também tem o sentido de preservar, defender, manter. A preocupação com a existência de Unidades de Conservação está expressa inclusive na Constituição Federal, quando esta dispõe que incumbe ao Poder Público definir, em todas as Unidades da Federação, espaços territoriais e seus componentes a serem especialmente protegidos, sendo a alteração e supressão permitidas somente através de lei, vedada qualquer utilização que comprometa a integridade dos atributos que justifiquem sua proteção (art. 225, § 1º, III). Essa foi uma inovação essencial na proteção das Unidades de Conservação: mesmo criadas por decreto, só poderão ser alteradas ou suprimidas por meio de lei. E isso vale para qualquer alteração, por menor que seja.

O pontapé inicial na criação de Unidades de Conservação no DF, para preservar amostras significativas do Cerrado, ecossistema típico do Planalto Central, foi dado em 1961, com a formação do Parque Nacional de Brasília. A partir daí, foram criadas mais 22 áreas protegidas. Nesse total estão incluídos os chamados parques ecológicos e vivenciais, que apesar de não estarem inseridos nas categorias existentes das Unidades de Conservação, cumprem um papel educativo do ponto de vista ambiental.

Porém, o gerenciamento destas áreas tem sido muito precário. Todas, sem exceção, encontram-se sem a devida estrutura de proteção, fiscalização, e de aplicação dos objetivos para os quais foram criadas, como os de educação ambiental, pesquisa ecológica e outros. E existem casos, como o da Estação Ecológica de Águas Emendadas, onde ocorre um fenômeno raro no mundo — a junção das duas maiores bacias hidrográficas sul-americanas, a Amazônica e a Platina, que se interligam numa nascente comum — que sequer foi instalada definitivamente, devido a questões fundiárias que se arrastam na Justiça.

O Poder Público no DF encontra-se consideravelmente desaparelhado para cumprir suas funções em relação às Unidades de Conservação e demais áreas protegidas. O que pode-se verificar é uma contínua degradação das áreas, inclusive com a ocupação e uso irregular do solo, por meio da instalação de loteamentos, condomínios e atividades não condizentes com a vocação da região. A pressão feita por atividades especulativas é enorme, e existe uma falta de iniciativa para efetiva proteção das áreas. O resultado dessa situação, que reflete sobretudo um desconhecimento da importância da questão, é que muitas Unidades de Conservação só existem no papel: não têm proteção, pesquisa, plano de manejo, não desenvolvem atividades culturais e de educação ambiental.

Logo, muito deve ser feito para que essa riqueza do DF seja protegida, e reverta em benefícios para a nossa população, melhorando a sua qualidade de vida. A primeira providência é a inclusão, na Constituição Federal, dos Cerrados como patrimônio nacional. Dessa forma, o cerrado se equivaleria à Floresta Amazônica, Mata Atlântica, Serra do Mar, Pantanal Mato-grossense e Zona Costeira, biotas já contempladas pela Constituição como patrimônio nacional.

Outro ponto que merece uma reflexão é o estabelecimento de uma parceria entre o Poder Público e a sociedade civil. Já que aquele se mostra incapaz de administrar as áreas protegidas de forma adequada, nada mais justo que a sociedade colabore nesse sentido. Essa colaboração pode ser feita de várias formas. Primeiro, participando da administração, auxiliando na implantação da infra-estrutura adequada, e realizando os estudos, pesquisas e atividades de conscientização necessários para plena eficácia das áreas, envolvendo a proteção, visitação, monitoramento e recuperação. Existe uma série de entidades ambientalistas que pode ser de grande utilidade nesse aspecto.

Em segundo lugar, a drástica insuficiência de verbas do Poder Público impõe que recursos externos sejam obtidos, mediante convênios com entidades privadas, consolidando a proteção, manejo e uso educativo e científico das áreas protegidas.

Não podemos permitir que o cerrado tenha o mesmo destino, por exemplo, da Mata Atlântica. Porém, o seu processo e ocupação e destruição tem sido muito rápido, e dessa forma corremos o sério risco de o que sobrar ser muito pouco e fracionado, ameaçando seriamente a sua sobrevivência. Ainda há tempo, contudo, para mudar esse quadro e legar um futuro mais promissor.

□ **Gustavo Souto Maior** é Assessor Legislativo da Câmara Legislativa, e membro do Conselho da Política Ambiental do DF.

Poeta, saca

☐ *Simão de Miranda*

Saca tua poesia!
Assalta a cidade!
Salta o muro!
Solta as rédeas de teus dedos!

Expulsa o medo
da ponta do teu lápis!
Lapida um cristal no papel!
Aponta o caminho!

Caminha, caminha!
Conquista o mundo!
Mundo após mundo!

Constrói um planeta puro!
Poete, poete, poete!
Toque flauta, te toca!

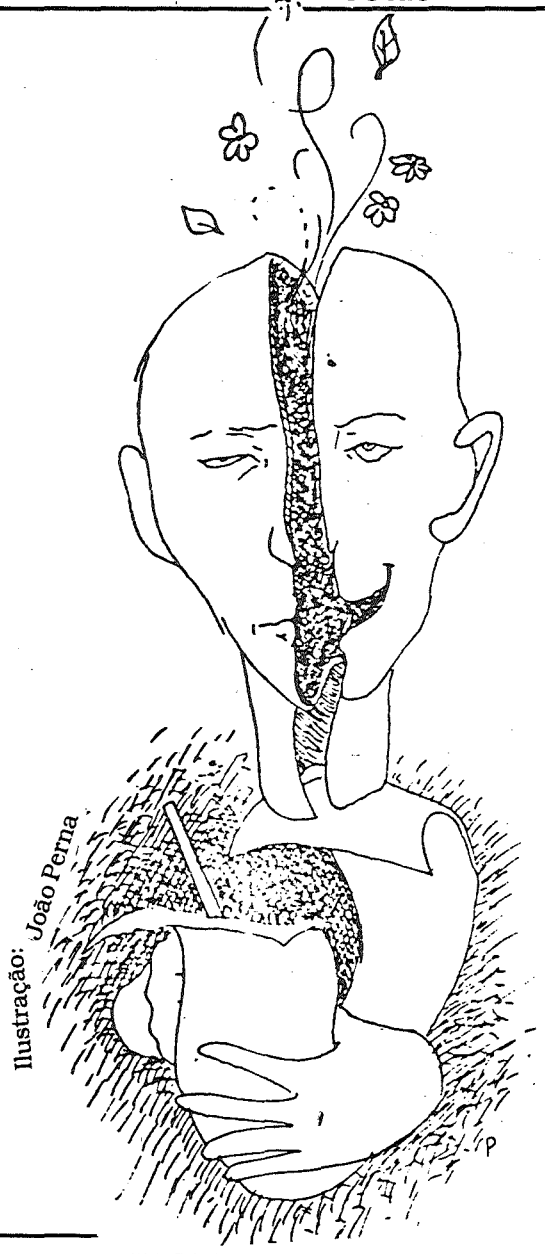


Ilustração: João Perna

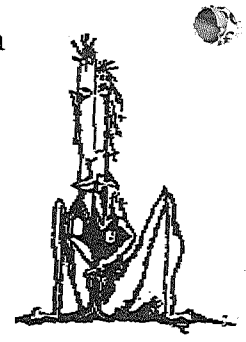
A tinta que salpica

☐ *Paulo Bertran*

Como reages à ânsia, ao jorro das paixões, ao
sangue expulsado, às feridas dessa intromissão.
Afinal à vida e às forjas, às coisas que vivem e
morrem, ao corpo que adormeceu exausto no dia findo sem
soluções

à contabilidade do lucro e dos bancos,
aos registros de ouro que fez Pedro Taques
quando dali,
longe dali
a existência cresce, avoluma, transforma-se e sobretudo
esquece

todo volume e toda carne e sangue
que por força deste corpo-papel
torna-se face obliterada da lua
caminho que subsiste aos passos
letra que tatua
cicatriz de signo
feicho mágico do dia:
obstinada claridão que o papel oculta



☐ Osvaldo Lamborghini

Sore resore masoquismo ignaro
febricitante almanaque cargado de semanas
[vacías
como campanas con vivos penachos
guardo escandalosa asimetría
capturo vocesillas que rabian por mí
que no soy más que un lector de tripas
corazón de algo que nunca diré por su nombre
para así reservarme el agravio pubico
el rozamiento tutelar
el encarecido crepúsculo encarnado
¿notas invernales¿
materia otra dilucidada

Y antes de que se recaliente el Marqués de
[Sebregondi
retrocede antes de que la cuchilla se ataje
antes de que al tajo lo acuchille un
[recaliente
sebreguende retrecede

Obenque más o menos doble o sencillo
obenque de trinquete
maritimísimo
la oreja es una pasta capciosa
los uréteres la predestinación
el grafo la sociedad de la puñeta y el
pusilánime surtidor.

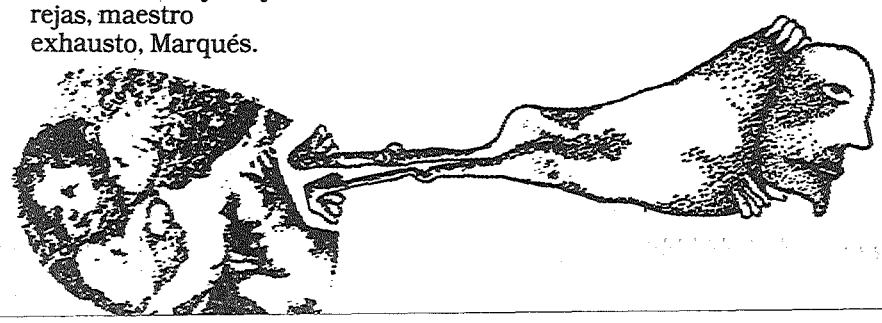
Me nació así soy muy sentido
rejas, maestro
exhausto, Marqués.

Sobre um poema de Ruben Dario

☐ Alejandra Pizarnik

Sentada en el fondo de un lago.
Ha perdido la sombra,
no los deseos de ser, de perder.
Está sola con sus imágenes.
Vestida de rojo, no mira.
¿Quién ha llegado a este lugar
al que siempre nadie llega?
El señor de las muertes de rojo.
El enmascarado por sua cara sin rostro.
El que llegó en su busca la lleva sin él.
Vestida de negro, ella mira.
La que no supo morirse de amor y por eso nada aprendió.
Ella está triste porque no está.

Rolando Revagliatti (Inéditos)



☐ Alejandra Pizarnik

Personeros de los persopejes
huesecillos que em la acción de la boca
[pronunciadora
nerviecillos homúnculos cristalizan la
[eternidad
infinitos comienzos de rodajes con los
[peripacoñéticos
sustrayéndose al imberbe encanto
A contrafobia Don Bribón con La Coja
[Ensimismada
La Bella Ortela con su Pajestad
Hardiner Williams con Sir Bosta Watson
en Alabama de Heraclítoris
em Caricatur de Salvancia de los Grandes
[Chú
Gestión del escribirse su sombra
desde el eviolario de la Caperucita
en llanto para sus fines
gestión del esbozarse en la brisa
[instiladora (espolvoreada)
Dentáfrica o los sueños de espía y lo
[horriblemente invisible.

Cartas

Ao
DF LETRAS
Câmara Legislativa do DF
SAIN - Parque Rural Norte Brasília-DF

70086800

Rio de Janeiro, 22 de outubro de 1993.
AO DF-Letras

Prezados editores,

Tive o prazer de receber o nº 7 do "DF-Letras", excelente jornal cultural. Externo, assim, os meus agradecimentos e cumprimentos e votos de que a caminhada nestas trilhas não cesse!

Muito agradeço a inclusão do meu nome no cadastro de assinantes. Como atuo em biblioteca, solicito a atenção de remessa para — Biblioteca Cecilia Meireles-Colégio Heitor Lira, pois creio que para os alunos e docentes será outra leitura agradável e enriquecedora.

Agradecendo-lhes as atenções, escrevo-me,

J. Cardias
Estr. Vicente de Carvalho, 856
Rio de Janeiro-RJ
21210-000

Pereira Barreto, 29 de outubro de 1993.
Ao DF-Letras
Prezado senhor Nelson Pantoja

Tenho em mãos um exemplar do DF-Letras de 8 de outubro, cujo conteúdo muito me encanta pela diversidade de temas abordados, pela seriedade com que estes são apresentados a nós leitores e pelo zelo na composição, mantendo uma harmonia no conjunto das manifestações, o que resulta numa agradável leitura e num excelente nível de aproveitamento desta.

Sou escritor e poeta, também respondo pelo setor de cultura da administração de minha comunidade, onde muito pouca coisa acontece nesta área, levando-nos a buscar em outros centros, onde os recursos sejam mais amplos. Dessa forma, dependemos totalmente do intercâmbio para nossas manifestações, assim como para manter o mínimo de informações sobre o que possa estar acontecendo neste nosso tão acanhado universo cultural.

Também estou remetendo um dos meus livros, que espero possa apreciar, conhecendo um pouco mais deste pretenso escritor e poeta.

Sendo só para o momento, antecipo aqui os mais profundos agradecimentos, colocando-me à disposição no que puder servir. Cordialmente,

Carlos Moreira Santos
Av. Coronel Jonas Alves de Mello, 873
Pereira Barreto-SP
15370-000

Curitiba, 25 de outubro de 1993.
Prezado(a) Sr.(a)
Rose Mary Miranda

Natal, 22 de outubro de 1993.
Ilustre escritora e deputada
Rose Mary Miranda = DD. vice-presidente da
Câmara Legislativa do DF

Um amigo de Goiânia, Getúlio Pereira de Araújo, enviou-me, gentilmente, exemplar do Suplemento Cultural do Diário da Câmara do Distrito Federal. Para minha satisfação e honra, vi alí um artigo meu, "NINGUÉM CONHECE NINGUÉM", a propósito da falta de comunicação que existe entre intelectuais das várias regiões brasileiras. É possível que tenha sido o velho amigo e confrade Cassiano Nunes quem o levou à redação do DF/Letras.
Sou o atual presidente do Conselho Estadual de Cultura do Rio Grande do Norte. Vou levar o número do DF/Letras, que acabo de receber, para apreciação dos conselheiros que integram o nosso Conselho de Cultura.
Com os agradecimentos pela publicação do meu artigo no DF/Letras, apresento os meus cordiais cumprimentos.
Veríssimo de Melo
Caixa Postal 535
Natal-RN
59022-970

Acusamos e agradecemos o recebimento de DF-Letras nº 07, gentilmente enviado para a redação de **NICOLAU.**

Atenciosamente,

Wilson Bueno
Editor
Rua Ébano Pereira, 240
Curitiba-PR
80410-901

Niquelândia, 25 de outubro de 1993.
Ao
DF-Letras
Diário da Câmara Legislativa
do Distrito Federal.

Quero agradecer-lhes pelo envio do DF-Letras nº 7, editado pela Câmara Legislativa do DF.

Aproveito para parabenizá-los pelo excelente trabalho que os senhores vem fazendo.

Sem mais parao momento, subscreve-se,

Nadir Taveira Godoy de Aragão
Superintendente de Cultura da Prefeitura do Município de Niquelândia
Praça da Matriz nº 1
Niquelândia-GO
76420-000

Brasília, 19 de outubro de 1993.
Ilmo Sr.
Dep. BENÍCIO TAVARES
CÂMARA LEGISLATIVA DO DF.

Prezado senhor,

Tomamos conhecimento, através da imprensa, que a Câmara Legislativa está publicando periodicamente o "DF Letras".

Gostaríamos de parabenizá-los pela iniciativa e solicitar a doação de duas assinaturas para a Biblioteca Demonstrativa de Brasília (ex-INL).

Na oportunidade, lembramos que nossa Biblioteca é uma instituição de caráter público que vem atendendo em média 1200 usuários por dia e tem procurado incentivar o hábito de leitura, divulgando escritores nacionais e locais. Aguardando pronunciamento de V. Sa., agradecemos e apresentamos.

Cordiais saudações
Maria da Conceição Moreira Salles
Diretora da Biblioteca Demonstrativa de Brasília
Av. W3 Sul EQ 506/7

Rio, 20 de outubro de 1993.

Senhores,

Solicito, se possível, o nº 4 do "DF Letras".

Sou professor no Colégio Pedro II e poderia divulgar a publicação entre os colegas.

Antecipadamente grato

Jesen Baptista dos Santos
Rua Leonor Porto, 57/401
CEP 20921-450
Rio de Janeiro-RJ

Srs. Editores de DF-Letras

Tenho recebido através de amigos esta importante publicação literária, em cujos números temos acompanhado ilustres personalidades da cultura de Brasília e do Brasil.

Parabéns a vocês por esta publicação de qualidade e desejamos que a mesma se afirme como um referencial de nossa cultura.
Outrossim, aproveito para solicitar uma assinatura do mesmo, para recebê-lo regularmente.

Atenciosamente
MERCEDEZ VASCONCELOS

Rua Abílio Soares, 537/71
Paraíso
São Paulo/SP

CEP. 40005-002

Caro senhor.

Foi com imenso prazer que tomei conhecimento da brilhante iniciativa da Câmara Legislativa de editar um suplemento dedicada às atividades culturais.

Esta iniciativa, sem dúvida, sensibiliza as pessoas que gostam de Literatura, de pessoas que, neste mundo atribulado de hoje ainda dedicam um pouco do seu tempo para reverenciar o mundo lúdico das letras.

Parabéns para todos que tiveram a idéia de lançar o "DF Letras" cujas edições, por sinal, refletem uma preocupação grande de facilitar a leitura.

Atenciosamente
Silvio de Oliveira e Silva
Q-12 /Sobradinho

Publicación: "**D.F. LETRAS**"
S.A.I.N
Vice-presidente de Câmara Legislativa de Distrito Federal:
Rose Mary Miranda
Parque Rural Norte
BRASILIA D.F. 70086-800

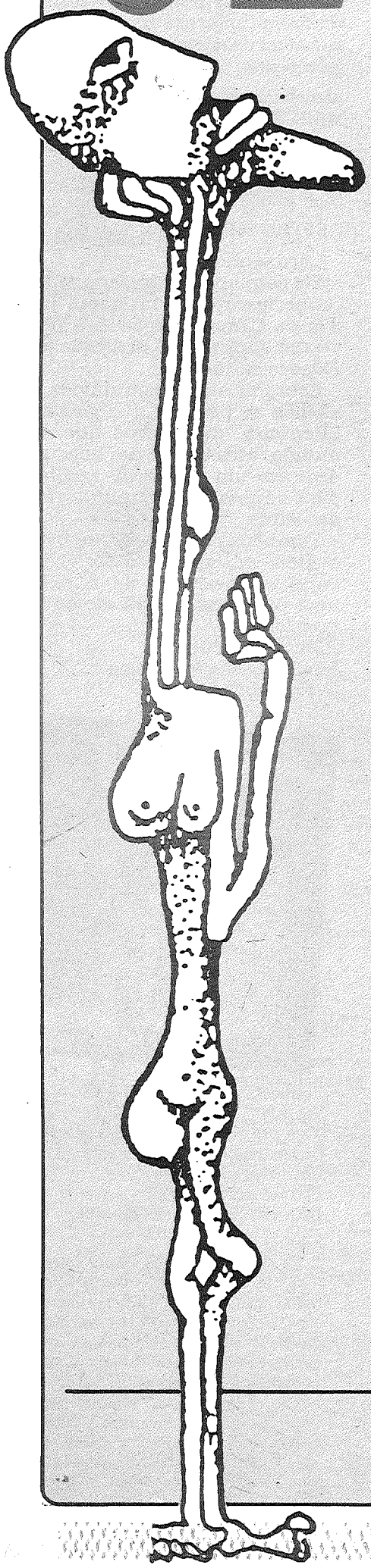
Estimados amigos:

Es al dorso de fotocopia que reproduce la tapa de mi último libro, tras hallar a ese medio gráfico resenado en otro, literario, donde me permito dirigirme a ustedes a los efectos de acercarles textos de mi autoría a modo de eventual colaboración: **Ante, En un verde, Llegó para ubicar, Vengo a decir, dijo, Adorando, Ditirambo, Otono es, Ir & Redactor, Mario y yo.**
Adjunto el nO 5 de mi impreso "Olivari".

Saludos cordiales.
Rolando Revagliatti

CERRADOS

□ Deborah Campos



I

E tudo o que ainda há de vir
ignoro o medo e a solidão
de tantos quantos moram
longe desta Catedral

Vastos vidros pintados na amplidão
o sêmem, a flauta, o piano, o violino
— o violão?
e o canto dos amantes
hino para além do órgão.

O divino nos contempla
momento imortal
chão cravado entre pedras
flores ruínas de catedral
o sonho é púrpura e tigre

Navio em um lago ancorado
hóstia de limite no infinito temor
de amar e viajar e sucumbir

Ó Ártemis, deusa de muitos Úberes,
Senhora das feras, abençoai, por nós,
por todos os amantes, por deuses e
demônios, este Jardim das Hispérides,

II

Meu pomar é este cerrado em que
passeio e finjo descansar enquanto
fujo do lince

Ésta casa -morada de alabastro
na noite escura
de dia é barro e pó e o vento
a carrega consigo, como um navio
á deriva.

O polén das flores
é tez do ser selvagem
sonho água corrente
pedras transparentes

O sonho é eterno
Mais antigo que o sonhador

III

O silêncio é mais antigo que a morte
antes do dragão, do vulcão, do pó
havia o silêncio.
A água sobre a água
chora
A mente sem encalço não se acomoda
e afugenta
Lobos, lobos, lobos
guarás andorinhas
Estranho animal
em que metade ama
e a outra se devora

IV

Lêdo e leve o sol sublinhado
por lago vento e flor
mastro agitando a bandeira da vitória
em terra adusta e sêca
onde o amor quedou
tão longe do mais próximo mar:
Ah! chapadas de mares!

□ **Deborah Campos** é formada em Letras e Literatura Clássica e Professora da Fundação Educacional do DF.

CPMTRATP Mº 3956/91
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF
UP: AC/ CÂMARA LEGISLATIVA

IMPRESSO